

Zona Leste - Autolabs

Os dois primeiros dias do evento pretendem dissecar os Autolabs e as questões, experiências, dificuldades e resultados dos laboratórios de mídia táctica realizados durante 6 meses na zona leste de São Paulo, visando também traçar novas estratégias para futuros laboratórios de mídia.

24 de Junho

Visita aos laboratórios*

9h30 - Itaquera

10h00 - 11h00 São Miguel Paulista

11h30 - 12h30 Ermelino Matarazzo

13h00 - 14h00 Itaquera

14h30 - Sao Miguel Paulista

15h00 - Ermelino Matarazzo

Oficina de vídeo (Joinha Filmes)

* disponibilidade de vagas depende da quantidade de lugares no ônibus

25 de junho

Local: Anfiteatro da subprefeitura de Itaquera

Rua Gregório Ramalho, 103 - Tel.: 6179.3811

10h00 - 17h00 Rádio Livre ::

Apresentação de trabalhos dos participantes das oficinas Autolabs

+ Bandas

Rock Field • Tiro Inicial • Paz Racial

• Thiago - Família RZO

A qualquer momento !

Conversa aberta na rádio com oficinairos Autolabs (o contexto do projeto, o que foi proposto, o que aconteceu, os resultados)::

CMI, Interfusion, Contratv, BaseV, Submídia, Museu da Pessoa, Metareciclagem

Mais:

- Oficina de stencil (Rafael Coutinho)

- Oficina de fanzines (Cleiton Campos)

- Oficina de mídia ativista "Seja um vietcong midiático" (Latuff)

Instalação com produções desenvolvidas durante as oficinas:

Revistas e cartazes

TV de histórias

CDs com produções

Centro - FindEtático

As palestras e festividades da zona leste serão complementadas por palestras e workshops-intervenções no centro da cidade, onde alguns dos oficinairos Autolabs e convidados falarão, mostrarão e produzirão trabalhos relacionados à mídia independente, net.art, colaboração online e ativismo de mídia, dentro de um ambiente web comum (<http://www.furtherstudio.org/live>) visando dar um largo panorama de projetos de produção de mídia independente, em uma espécie de jogo, usando argumentos tais como imagens, sons e animações (.jpg, .swf e .mp3) e aberto a colaborações. Além disso, um laboratório de mídia será montado no domingo, contextualizado por conversas e práticas sobre software livre, metodologias de produção de mídia, autoria, autonomia e diversão.

26 de junho

Oficinas - intervenções

Local: Auditório SESC Vila Mariana

Rua Pelotas 141 - Tel.: 5080.3000

10h00 (GMT -3) Introdução/Navegação: Ricardo Rosas (Rizoma.net)

Ao vivo em <http://www.furtherstudio.org/live>

10h15 - 12h00 (GMT -3) **Tv táctica, rádio e web streaming**

Rádio e TV nas ruas !

David Garcia (Proxyvision) ::: Thiago Novaes (Submídia)

Graziela Kunsch (Sem Sizo)

13h00 (GMT -3) Introdução/Navegação: Ricardo Ruiz (BaseV)

Ao vivo: <http://www.furtherstudio.org/live>

13h15 - 15h00 (GMT -3) **Papel Táctico**

Estratégias para publicações independentes

Editora Faisca :::: Gazeta da Matilde :::: Latuff

Paulo Hartmann :::: Editora Pressa :::: Onesto

16h00 (GMT -3) Introdução/Navegação: Giseli Vasconcelos (Autolabs)

Ao vivo: <http://www.furtherstudio.org/live>

16h15 - 18h00 (GMT -3) **Redes de ação**

Redes de colaboração globais

Brian Holmes (Bureau D'Etudes) ::::David Garcia (N5M) :::: Pablo Ortrellado (CMI)

Pedro Soares (MST) :::: Carlos Gómez (Orquestra del Caos)

27 de junho

Sala de Leitura SESC Vila Mariana/ 4o andar

Rua Pelotas 141 - Tel.: 5080.3000

10h00 (GMT -3) Introdução/Navegação: Giseli Vasconcelos (Autolabs)

10h30 - 16h00 (GMT -3) **Free labs: workshop e conversas**

Oficina de montagem de laboratórios de mídia com software Livre

Marcelo Tavares e Rhatto (CMI)

Fernando Henrique (Metareciclagem)

Rafael Diniz (Submídia)

2004 a FindEtático 24 - 27 Junho
Finalização dos Autolabs

guia de navegação

A velocidade de nossa época parece deixar muitas coisas datadas da noite para o dia. Que o diga a própria dinâmica do consumo capitalista, em sua voracidade autofágica, pondo prazos de validade não apenas em produtos e serviços, mas igualmente em criações culturais, trabalhos artísticos, tendências etc. Tudo para que a máquina não pare, e gere mais e mais lucros, e se vier de um nicho inédito, de uma nova moda, uma novidade, ainda melhor. Essa é a lógica, uma lógica que parece tudo cooptar, abarcar, mesmo aquilo que lhe seja mais antitético. Querendo ou não, estamos todos inseridos neste contexto. Nem mesmo aqueles que o contestam, que a ele se opoem com o maior vigor, conseguem escapar dessa lógica.

Nesse sentido, mas por razões bem diversas da gula consumista do capitalismo contemporâneo, o “movimento dos movimentos”, militantes anti-capitalistas e ativistas de mídia se vêem atualmente frente a certos paradigmas e formatos datados.

As atuais transformações da produção pós-fordista, com sua ênfase na criatividade do trabalho imaterial, na linguagem e na criação subjetiva como força motriz do capitalismo, força a resistência a repensar idéias e métodos de ação. Não se trata, como muitos poderiam pensar, de um momento de refluxo na ação, mas, antes, de um instante de reflexão. Há duas circunstâncias aqui que são de fundamental importância para se compreender a presente situação tanto no Brasil como globalmente: primeiro, a nível local, a estagnação da dita arte-mídia, dos produtores de arte tecnológica ossificados em suas plugadas “torres de marfim”, com todo o acesso à alta tecnologia fornecido por verbas institucionais que nada mais fazem que financiar a produção de um conhecimento sem nenhuma aplicação prática e, ao mesmo tempo, completamente distante da gritante realidade social brasileira.

Em segundo lugar, a obsolescência, para os movimentos ativistas, do velho formato dos protestos de rua. Não é que manifestações coletivas tenham perdido totalmente seu poder de fogo. Afinal, os bem sucedidos rompantes de Seattle e Praga estão aí para provar. Trata-se antes de uma encruzilhada quicá crucial em que tais ações se vêem, num momento de alarmante repressão policial e cerceamento dos direitos civis de livre expressão (como visto na repressão aos recentes protestos em Miami), crescente vigilância tecnológica e guerra civil global. Urge repensar táticas de resistência que fujam ao antigo modo das confrontações e manifestações, o que não significa que não possamos aprender com elas, com sua história e legado. Mas sobretudo para que, através desse poder que não pode ser tirado de nós, isto é, a criatividade, a invenção, efetueemos mudanças radicais tanto no plano subjetivo quanto na realidade. Para tanto, abundam as iniciativas que se propõem a repensar e conceber novas táticas e criações, neste exato momento.

Este evento, o “FindEtático”, se propõe a apresentar novas ações que estão feitas em diversos lugares do mundo e no Brasil. Com esse fim, igualmente, apresentamos aqui diversos textos que tentam abordar

algumas destas possibilidades e quem sabe instigar algum alento para aqueles que ainda acreditam que algo possa ser feito, num sentido bem concreto, para resistir à lógica voraz do fundamentalismo neoliberal. Brian Holmes nos apresenta aqui os mapas sinópticos do Bureau d'Études, que deixam às claras os vínculos ocultos do capitalismo e suas estruturas, para uso de ativistas. Silvio Mieli nos fala das possibilidades midiáticas de atuação ativista no momento presente. Fran Ilich desvenda como se deu a criação de seu festival tecno-ativista, o Borderhack, que protestava contra a fronteira EUA-México. Ricardo Rosas tenta apresentar um lado desconhecido da dinâmica dos coletivos artísticos/ativistas. David Garcia nos dá uma visão panorâmica do recente boom das TVs piratas de rua italianas. Paulo Lara nos fala da experiência da unidade independente de produção de mídia da qual faz parte, o submídia. E, finalmente, num texto a quatro mãos, feito de forma totalmente colaborativa, tal como se deu o projeto mesmo que justifica tanto este “Guia de Navegação” quanto o evento em que ele se insere, é apresentada a experiência dos Autolabs na periferia de São Paulo. Aqui, Giseli Vasconcelos, Tatiana Wells, Pablo Ortellado e Marcelo Tavares relatam a concepção do projeto e a experiência de realizar estes “laboratórios autônomos” que se dedicaram a ensinar, na prática, mídia tática e independente (incluindo produção de web, sonora, gráfica e reciclagem e montagem de computadores rodando Linux) para jovens pobres e sem perspectiva de bairros carentes na periferia paulistana. Numa iniciativa inédita até no exterior, os Autolabs tentam pular os muros/fronteiras da exclusão digital e social, buscando uma ponte entre mundos até pouco tempo atrás incomunicáveis, a dos produtores de mídia (independente ou não) e a população pobre brasileira, essa imensa maioria silenciosa e sem voz nos nossos meios de comunicação tradicionais. Como um projeto-piloto e em constante aperfeiçoamento, os Autolabs são uma iniciativa genuinamente brasileira e, como tal, uma tentativa própria, nossa, de oferecer uma resposta aos impasses que atualmente se apresentam, tanto aos nossos criadores de arte tecnológica e midiática, quanto ao “movimento dos movimentos”.

Boa navegação!

Ricardo Rosas



EDITÓRIAS

O fechamento do espaço da galeria é um gesto conceitual clássico. Vejam esta proposta de Robert Barry: “Minha exposição na galeria Art & Project em Amsterdã em dezembro de 1969 vai durar duas semanas. Pedi a eles para trancar a porta e pregar meu aviso nela, onde se lê: ‘Para a exposição a galeria estará fechada’ ” (1). A arte conceitual pode ser definida não simplesmente como a recusa do objeto comercializado e do especializado sistema da arte, mas como uma ativa sinalização apontando para o mundo exterior, concebido como um campo expandido para práticas experimentais de intimidade, expressão e colaboração - sem dúvida, para a transformação da realidade social (2).

Trinta e dois anos depois, em outubro-dezembro de 2001, o grupo francês Bureau d’Etudes reiterou o gesto, lacrando o espaço da exposição do Le Spot, um edifício industrial transformado na cidade portuária de Le Havre. Em vez de um simples anúncio, eles confrontaram o visitante com um livro, *Juridic Park* (Parque Jurídico), que depois de um exame mais atento demonstrava ser um detalhado conjunto de mapas para o “subsolo legal” da cidade. Mas estes mapas, como os projetos cartográficos mais recentes, não abrangem simplesmente o lado de fora de um dos subsistemas especializados da modernidade. Mais exatamente, detalham os proliferantes impedimentos de uma sociedade totalmente administrada, onde quase todo centímetro quadrado de terreno está estritamente codificado para usos proprietários exclusivos. O nome do grupo, Bureau d’Etudes, denota uma consultoria de experts, um escritório de estudos para pesquisas técnicas. Eles têm uma compreensão intensamente precisa do mundo, transmitida com lampejos de humor negro. Mas seu trabalho, em suas dimensões mais amplas, é também a fundação, ou talvez o trampolim, para uma utopia antagonista.

Pri mórdi os

Em 1998, com a exposição *Archives du Capitalisme*, o Bureau d’Etudes começou a produzir mapas organizacionais mostrando as relações de propriedade entre fundos financeiros, agências governamentais, bancos e empresas industriais. Várias destas cartas gráficas, ou “organogramas”, foram desenvolvidas como parte de uma instalação incluindo fotografias em preto e branco de cabeças, apoiadas em estacas de madeira (presumivelmente CEOs), assim como uma maquete de um prédio proposto para um novo parlamento, para articular os direitos de voto daqueles com poder real na sociedade de hoje. A exposição era um projeto autônomo em um espaço gerido por artistas, na época chamado de “Faubourg”, na cidade de Estrasburgo. Para uma mostra subsequente intitulada *Le Capital*, montada por Nicolas Borriaud na cidade de Sète, um organograma detalhando as relações entre o estado francês e uma panóplia de grandes corporações transnacionais foi ampliada para o tamanho de parede. Quadrados e retângulos de variadas proporções, cada um identificado com um nome (Société Generale, Dresdner Bank, Mitsubishi, Pirelli etc.), estavam conectados à um labirinto de linhas elaboradamente traçadas, impressas em negro contra um fundo branco. O resultado era algo como uma *all-over painting* (3) para os anos 90, obcecados por computadores e finanças: uma estética da informação. Em outras palavras, um dos históricos pontos falhos do que tem sido chamado de “arte conceitual”.

Cedo ou tarde, artistas trabalhando na análise e transformação da realidade social devem encarar a pergunta óbvia: Como escapar dos formatos, públicos e métodos de permuta que são oferecidos pelo sistema galeria-revista-museu? A resposta é um processo gradual, um experimento social e psíquico. Convidado para uma exposição coletiva para a qual, como de costume, não seriam pagos, o Bureau d’Etudes respondeu criando uma *Zone de Gratuité*, ou

Mapas para o fora: Bureau d’Etudes ou a vingança do conceito

Brian Holmes

Terra Livre, onde valores e todos os tipos de sobras poderiam ser depositados e levados sem a intermediação do dinheiro. O experimento da zona livre foi tentado numa galeria/espaço residencial em Paris, onde a curiosidade teórica e a perspectiva mais prática do “algo por nada” atraiu um público diversificado. Expandindo a questão do real status social do artista numa era de trabalho casual e intelectualidade de massas, o Bureau d’Etudes trabalhou com Alejandra Riera, Andreas Fohr e Jorge Alyskewycz para lançar o “Syndicat Potentiel” ou “Sindicato Potencial”, uma associação proto-política voltada para produtores culturais e intelectuais cujas aspirações os levam para além de todas as categorias profissionais. As idéias-chave aqui vieram das tradições anarquistas francesas, mas também de teorias da economia da dádiva, desenvolvidas pelo antropólogo Marcel Mauss e retrabalhadas pelos críticos sociais franceses depois das greves de 1995, numa era de desemprego estrutural (4). Entre os primeiros co-operadores estavam o grupo Plus tot te laat, de Bruxelas - artistas desempregados que ocuparam uma agência de desemprego, transformando-a em um centro de expressão e reflexão sobre os significados do trabalho na sociedade contemporânea. Tais reflexões, por sua vez, levaram à uma crescente proximidade com os movimentos *squatters*, fosse na França, na Itália ou na Alemanha. Destes primórdios, o Syndicat Potentiel cresceu até virar uma estrutura sem restrições para colaborações fraternais e em rede, com o objetivo de produzir contra-conhecimento, autônomo, orientado na direção de uma economia de *gratuité totale* (na qual serviços básicos tais como moradia, água, eletricidade, acesso à comunicação, etc., seriam “totalmente gratuitos”) (5). O projeto continua até hoje, dando seu nome ao espaço autogerido em Estrasburgo, onde o grupo artístico produziu suas primeiras propostas.

Oportunidades

É à luz do quase invisível pano de fundo do Syndicat Potentiel e de um projeto paralelo, “Université Tangente”, que os recentes projetos cartográficos merecem ser entendidos. Eles surgiram como uma oportunidade inesperada, longamente desejada. A ruptura do consenso trazida pelos Dias de Ação Global, começando em maio de 1998, serviram para estimular o mais amplo movimento anti-globalização, através de usos inovadores da internet, assim como um sistema de distribuição mundial administrado desde baixo. Um tipo de conceitualismo autônomo, faça-você-mesmo, começou a surgir, por meio do qual “atitudes viram formas”: uma idéia ou expressão se originando em uma localidade (por exemplo, “Nossa Resistência é tão Globalizada quanto o Capital”) se torna uma performance política geograficamente distribuída (as “Festas de Rua Globais” contra as reuniões anuais do G-8) (6). Em perfeito acordo com as famosas máximas de Lawrence Weiner, a obra poderia ser executada pelos primeiros autores das idéias, concretizadas por outros, ou não realizadas de modo nenhum - algo como uma prova de troca planetária, onde a “arte” é “totalmente livre”. Ao mesmo tempo em que estes impulsos de protesto surgiam em larga escala - descrevendo as estruturas de poder da globalização com suas bases, tal como acontecia - a ascensão da sociedade da informação e o ímpeto desregulador do neoliberalismo tornaram possível que grupos relativamente pequenos, de grande mobilidade, se apropriassem e usassem tecnologias avançadas, inspirando visões extremamente sofisticadas do mundo. Contudo, estas novas possibilidades para a aplicação de pesquisa especializada não eram imediatamente visíveis na França, devido a barreiras linguísticas, uma cena artística lamentavelmente conservadora e discursos críticos dominados pelos envelhecidos professores comunistas da Attac. Foi, talvez, tão tardiamente quanto em dezembro de 2001, com os massivos protestos na conferência de cúpula da EU na vizinha Bruxelas, que o potencial para uma mais ativa distribuição dos

mapas antagonistas ficou claro. Projetos institucionais subsequentes, na La Box na cidade de Bourges, depois na Kust-werk em Berlim, serviram como ocasiões para a produção inicial de cartas gráficas em grandes séries impressas, para ampla distribuição. Estas ajudaram a elaborar o conhecimento e os conjuntos de habilidades necessitadas para duas produções colaborativas autônomas, ambas com milhares de cópias impressas para eventos ativistas específicos: Refuse the Biopolice (“Recuse a Biopolícia”), para o Campo Sem Fronteiras, em Estrasburgo, em julho de 2002, e o European Norms of World-Production (“Normas Europeias de Produção Mundial”), para os encontros do Fórum Social Europeu em Florença em novembro do mesmo ano. Este acesso atrasado aos movimentos anti-globalização significou que os mapas antagonistas, com sua extraordinária complexidade de análise, chegaram no momento certo – depois que os avanços iniciais do primeiro período de dissidência encontrou sua forçada pacificação e neutralização parcial, como uma consequência da violência desencadeada pelo tumulto da polícia em Gênova. Ambos os mapas apresentam uma abundância de informação, abalando certezas subjetivas e pedindo reflexão, pedindo um novo olhar sobre o mundo em que realmente vivemos. São visões sinópticas da versão contemporânea, transnacional, do capitalismo estatal, construído como está “pelo conluio entre indivíduos específicos, corporações transnacionais, governos, agências internacionais e grupos da ‘sociedade civil’” (7). Elas tornam visíveis os padrões internacionais que os têm estruturado num espaço totalizante assustadoramente abstrato, quase totalmente fora do alcance dos contrapoderes democráticos anteriormente exercidos dentro da jurisdição dos estados nacionais, e, sem dúvida, quase totalmente invisíveis – pelo menos até recentemente, quando as possibilidades comunicacionais permitiram que uma certa medida de “mapeamento cognitivo” fosse realizada pelos cidadãos (8). Refuse the Biopolice, focado em sistemas de controle contemporâneos, também oferece leituras mais detalhadas da forma com que as tecnologias de vigilância e encarceramento são implementadas para o lucro de empresas privadas, em colaboração com agências nacionais e internacionais. Quanto ao mapa do European Norms, ele cartografa especificamente a vasta estrutura administrativa que surgiu em torno da burocrática Comissão Europeia, cujos diretórios, enervados pelas demandas de lobbies corporativos, produzem “os padrões industriais, modelos territoriais, diretrizes ideológicas e critérios de verdade” que ajudam a estruturar a produção de um mundo-vida (9) – uma forma em concreto-e-aço de integração continental, competindo com seu espelho distorcido na América do Norte. European Norms também apresenta as entrelaçadas estruturas da pretensa “sociedade civil organizada”, que serve para legitimar o status quo; mas ao mesmo tempo, com os diagramas mais simples de sua misteriosa, biomórfica capa frontal, dedicada aos “indícios de autonomia”, ele apresenta os padrões e redes de potencialidades para a resistência mundial.

Tais mapas aspiram ser ferramentas cognitivas, distribuindo tão amplamente quanto possível o tipo de informação especializada que estava anteriormente restringida à publicações técnicas. Mas, em outro nível, eles pretendem funcionar como choques subjetivos, potenciais de energia, inspirando ações de protesto à medida em que são passados de mão em mão, aprofundando a determinação de resistir, sejam eles utilizados em conjunto ou individualmente. Neste sentido, é a conclusão mesma de sua disciplina intelectual, o rigor de seu esforço conceitual de retratar um mundo totalmente administrado, que faz deles *mapas para o fora*, sinais apontando para um território que ainda não pode ser totalmente determinado, e que nunca será “representado” nos modos tradicionais. Uma tal indicação se lê na expressão “Solidariedade com extraterrestres”, inscrita em um balão quase vazio no canto de baixo da parte esquerda da capa do European Norms.

Perspectivas

A aceleração dos últimos poucos anos tem sido vertiginosa, para todo mundo. Hoje, o conhecimento acumulado de projetos recentes e os começos de uma genuína colaboração em rede tornam possível imaginar projetos de mapeamento mais estrategicamente focados. Os três estudos apresentados na mostra de Viena (10) – Info-guerra, Bio-guerra e Guerra Psíquica – respondem a uma necessidade de compreender as estratégias francamente militares de legitimação e controle da população que surgiram desde 1989, com o fim da estase bipolar baseada na loucura da mútua “aniquilação total” (11). Similarmente, mapas mais circunscritos e precisos do capitalismo de estado transnacional podem agora ser imaginados, sintonizados de modo mais próximo com as possibilidades dos movimentos de protesto e ação direta. Uma outra perspectiva é a possível invenção de uma base de dados computadorizada, com uma interface visual permitindo ao usuário situar posições de poder específicas dentro de um vínculo de relações de apoio e de oposição. Muito ainda está por ser feito.

Sob este ângulo, o velho dilema da relação com as estruturas de museu, revista e galeria se reduz à insignificância. Para o underground da mídia tática na Europa, mostras de arte oferecem prazos úteis para pesquisas, uma chance de compartilhar idéias e críticas, algum dinheiro para produções, na melhor das circunstâncias – e, na pior, uma distração arriscada. A vingança do conceito teve de finalmente criar circuitos paralelos e alternativos de experimentação, produção, distribuição, uso e interpretação. Sem dúvida, estes circuitos dificilmente se consolidam – mas a melhor forma de fazê-lo é manter outras urgências, que não podem ser tratadas dentro de nenhum dos subsistemas especializados. Talvez uma tal urgência possa ser expressada como uma pergunta, para artistas e ativistas que devem agora se dedicar a crescentes níveis de confrontação no mundo. A pergunta segue assim: Ainda é possível sublimar conflitos antagonísticos em pacificadores rituais de ponderado debate agonístico? (12) Ou em outras palavras: Podem relações propriamente políticas serem resgatadas de um mundo totalmente administrado?

Notas

1. Veja Robert Barry, “Gallery Closing”, Amsterdã, Art & Project, 17-31 de dezembro, Bulletin # 17, em: Ursula Meyer, ed. Conceptual Art (New York: Dutton, 1972), p. 41.
2. Agradeço a Andreas Broeckman por apontar o meu browser para um texto de Howard Slater que apóia amplamente esta definição. Veja a parte introdutória de “The Spoiled Ideals of Lost Situations - Some Notes on Political Conceptual Art”, em: www.infopool.org.uk.
3. All-over painting é um termo comumente utilizado para um tipo de pintura abstrata que não possui uma estrutura tradicional de composição, foco de visão dominante ou qualquer indicação de que lado fica para cima ou para baixo. Um exemplo seriam as pinturas de gotas do expressionismo abstrato de Jackson Pollock. (N. do Trad.)
4. o jornal M.A.U.S.S. (“Mouvement anti-utilitariste dans les sciences sociales”) oferece uma visão de algumas idéias de fundo que informam os debates sobre valor na França depois de 1995.
5. Veja o site do Syndicat Potentiel (<http://syndicatpotentiel.free.fr>) para uma visão geral bem mais precisa, com textos sobre gratuité totale, entre muitos outros temas.
6. Aqueles que desejarem reconstituir a história dos Dias de Ação Global devem consultar os sites da Ação Global dos Povos (www.agp.org) e do Reclaim the Streets de Londres (www.reclaimthestreets.net), entre outros.
7. A citação, do Refuse the Biopolice, se aplica a todos os mapas recentes.
8. Refiro-me à famosa expressão de Frederic Jameson, que em 1984 clamou por “uma estética de mapeamento cognitivo” para resolver “a incapacidade de nossas mentes, pelo menos no presente, de mapear a grande rede de comunicação global, multinacional e descentralizada na qual nos encontramos enredados como sujeitos individuais”. Veja seu ensaio “Pós-modernismo, ou a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio”, reimpresso no livro com o mesmo nome.
9. Mundo-vida (life-world), tradução do alemão Lebenswelt da filosofia de Husserl, significa o mundo que é fenomenologicamente constituído na intersubjetividade e que se abre à história e à linguagem. Holmes aqui se refere a uma instância de valores que, na atual configuração pós-fordista, faz com que a própria produção subjetiva do “mundo-vida” seja determinada pelos interesses do neoliberalismo. (N. do Trad.)
10. Este texto tinha sido produzido para o catálogo da exposição Geography - and the Politics of Mobility na Generali Foundation de Viena, com curadoria de Ursula Biemann, aberta em 16 de janeiro de 2003. (N. do Trad.)
11. Quem tiver dúvidas quanto à mudança histórica na estratégia militar depois de 1989 pode consultar os livros de John Arquilla e David Ronfeldt, tais como Networks and Netwars: The Future of Terror, Crime and Militancy, disponível em PDF em www.rand.org/publications.
12. A distinção antagonístico/agonístico vem de Chantal Mouffe e Ernesto Laclau, em Hegemony and Socialist Strategy; aqueles que ficarem entediados em ler livros densos podem escutar o vídeo da palestra de Mouffe na recente conferência Dark Markets, disponível em <http://darkmarkets.t0.orat/video/mouffe.ram>.

Tradução de Ricardo Rosas



BorderHack: de como “vencemos o medo e decidimos jogar” com a fronteira

Fran Illich

Tão longe da Mesoamérica (2) e tão próximos de San Diego, os jovens tijuanaenses e futuros hackers viam seus amigos do preparatório apedrejar os emigrantes e se entristeciam por não poder usar máscaras no Halloween. Mas também lamentavam que qualquer gringo com dinheiro tivesse mais liberdade que eles em sua própria cidade. Logo, beberam de mil fontes e decidiram lançar um ataque físico, virtual e através da mídia a esse muro, o cercado que separa a ambos, México dos Estados Unidos, a que denominaram de Borderhack. Lançaram alguns cabos de computador por debaixo do cercado e...

A HISTÓRIA QUE VOU LHESS CONTAR trata de como vencemos o medo numa tarde de dezembro de 1999 e decidimos que era hora de começar a jogar, a trabalhar, com essa parede metálica entre México e Estados Unidos. Aquela que nos recorda que há quem nos considera humanos de segunda classe (norte-americanos do lado pobre); como se a era medieval nunca houvesse passado e pobres aldeões tivessem de trabalhar dia a dia para que o império e a corte tivessem sua vida resolvida no interior do castelo, enquanto lá fora reina outra realidade, a que permite que a Califórnia tenha uns belos jardins e que o serviço doméstico seja mais acessível que em outros países.

No início, pensar em fazer um Borderhack era tão absurdo que nem sequer nos levávamos a sério quando o imaginávamos. Há coisas que se pode pensar, mas não pôr em prática, e uma dessas coisas era jogar com a fronteira México-Estados Unidos. A única coisa que podíamos fazer ao chegar na fronteira era pôr nosso melhor sorriso quando nos pediam o passaporte e recordar que pelo menos podíamos cruzar.

Claro, anos atrás havíamos feito de tudo, como qualquer tijuanaense: atravessar como *american citizen*, passar umas horas na Inspeção Secundária por que levávamos algum livro do infame Timothy Leary ou por que passávamos com um pai que havia obtido o status de *american citizen* graças à famosa anistia Simpson-Rodino (3) ou por que um cachorro latia para nós por causa daquela comida podre que havia manchado o assento do carro horas antes.

A fronteira nos havia ensinado muitas coisas, uma delas era que haver nascido a poucos quilômetros ao norte nos haveria dado a possibilidade de uma melhor educação e uma melhor qualidade de vida. Mas que ao nascer deste

lado não nos restava outra opção além de ser cúmplices da sucessão governamental que continuava a aprontar as suas desde que os *criollos* conseguiram sua independência em 1810.

Não tenho idéia se sempre foi assim em Tijuana. Há quem diga que não, mas conforme fomos crescendo, começamos a ver nossas opções reais: ser mão de obra barata para maquiladoras (4) ou heróis temporários da narco-cultura. Como Mark Renton (o personagem dos romances de Irvine Welsh), literalmente “decidimos não escolher”. A geração NAFTA (5) havia ficado sem opções e, estando a milhares de quilômetros da Mesoamérica de fim de milênio, só restava olhar para o Norte para nos ofuscarmos com os refletores que a *Border Patrol* apontava para o México.

Deve-se recordar que nos anos 90 ser jovem em Tijuana era uma tragédia suficiente por si só. Tínhamos um governo panista (6) que punha em prática suas idéias em nossa realidade: não havia espaços aonde conviver além dos centros comerciais (o que significava levar dinheiro para gastar). E as ruas eram aterrorizadas por um *Grupo Tático* (7) com pistola, que usava uniforme negro e prendia jovens nas ruas só pela sua maneira de vestir ou por não estar com documento de identidade.

Enquanto isso, todo mundo se esquecia que os irmãos Arellano Felix (8) existiam e os meios de comunicação distraíam a cidade inteira com a guerra anti-grafite. Curiosamente, qualquer gringo com dinheiro na carteira podia converter esse inferno em um lugar feliz na Avenida Revolución.

Foi por aquela época que a festa de Halloween começou a desaparecer: no 31 de outubro proibiam sair de máscara depois do entardecer e por outro lado nos exigiam que celebrássemos o *Día de Muertos*, uma festa que acabava sendo artificial em terra de inata transcultura.

Tijuana nunca foi Mesoamérica. Em seus primórdios, já era um cassino para turistas alcoolizados. Entendo os esforços que a SEP (9) e o governo fazem para impor a cultura do centro, mas não os respeito. Em conclusão: não se pode entender Tijuana sem San Diego, a cidade que se encontra justamente do outro lado da parede. E, sem dúvida, tentar legitimar San Diego tomando como ponto de partida Tijuana não tem muito sentido, inclusive em anos recentes, quando sua economia depende tanto dos mexicanos sorridentes que se vestem de aliens para cruzar a fronteira e comprar de tudo: de gasolina até *whatchamacallit* (10), passando por qualquer coisa que nossa atribulada moeda todavia permita comprar.

A militarização da fronteira é um fenômeno relativamente novo e esse cercado metálico que nos separa dos Estados Unidos não existia há 20 anos. Em 1992, minha irmã e eu acompanhamos um grupo de ativistas que iam pintar nele: “Se o muro de Berlim caiu, por que este não?” Esses eram os dias em que famílias inteiras abandonavam tão rápido quanto podiam o México que lhes negava uma existência digna. Por um lado, tinham que se proteger da *Border Patrol*, por outro, de mexicanos que os olhavam com desgosto. Meus companheiros de preparatório costumavam sair para apedrejar emigrantes depois de jogar basquete, e se lhes perguntávamos por quê, diziam: “São os traidores que vão embora”, ou algo do tipo.

Aprender a jogar

Nossa experiência com o Borderhack não foi muito extrema. Começou como uma idéia e acidentalmente acabamos pondo-a em prática. Lendo na Nettime (11), soube dos *no bordercamps* (12) que Florian Schneider organizava com Kein Mensch *No one is illegal* (Ninguém é ilegal) na fronteira

alemã com a Polônia e a República Tcheca (nos *no border camps*, grupos de artistas e ativistas se reuniam durante uma semana. Basicamente, o que faziam era invadir estas fronteiras. A diferença com o Borderhack é que eles trabalhavam a partir do país para onde os emigrantes pretendiam cruzar: Alemanha).

Mas supomos que seria quase impossível fazer algo assim: por um lado não nos vinha à mente que algum tijuana quisesse nos ajudar a fazer algo semelhante: todos haviam escutado histórias sobre algum amigo de um amigo de um amigo da tia que havia perdido seu visa por quase nada. Tínhamos consciência de estarmos sós.

No início, o que nos levou a agir foi a inspiração e a nostalgia que alguns de nós sentíamos pelo movimento de grafite tijuana, liderado por grupos como Hecho en México (HEM) e Decorando la Ciudad (DLC), que, além de colorir as paredes cinzas, chegaram a fazer grafites bastante significativos em locais como a bandeira no palácio municipal, a parede mais alta da guarita de alta segurança de San Ysidro, justamente para que a *Border Patrol* trouxesse em sua fachada as cores do descontentamento da taciturna Tijuana, e no interior do quartel do Quinto Batalhão de Infantaria.

Pensando nestas coisas e vendo que a tradição literária da fronteira México-Estados Unidos andava um pouco parada, e que não se enxergava muita possibilidade de alguns escritores de trinta anos - que continuavam a pensar que eram tão jovens como há dez anos atrás - atacarem a fronteira, nosso reduzido grupo de amigos se dispôs a hackeá-la.

Pensamos que tinha de ser algo simbólico, como quando Sueño-Kenos-HEM subiu, desde o lado de San Ysidro, à guarita de alta segurança quase militar e a grafitou de tal modo que todos que cruzavam para os Estados Unidos viam a *tag* bem debaixo dos narizes da alfândega deste país. O problema para o pessoal da Patrulha Fronteira e o Serviço de Imigração e Naturalização é que não suportaram ver aquilo sob seus narizes. Tardaram pouco mais de 24 horas para apagar o grafite. Isso foi em 1994 e tal ato não se repetiu. E isso era nossa inspiração. Isso e o fato de crescer nessa terra violenta proto-acampamento beduíno-semi-cidade que todos os dias inventava para si algum mito para seguir adiante.

Chamamos o projeto de Borderhack e era um ataque físico, virtual e através dos meios de comunicação de massas à essa parede fronteira. Era um projeto em três fases muito simples, mas muito tangíveis.

Sabíamos que perderíamos, mas também sabíamos que ninguém sai incólume de uma luta, pelo menos teriam que levar algum arranhão. Também sabíamos que não queríamos ganhar, que nosso inimigo não era os Estados Unidos, mas o próprio governo mexicano que permitiu que a pobreza chegue a tantos extremos. Também conhecíamos outra tradição, a dos artistas de performance e poetas que em anos anteriores iam para a fronteira fumar maconha e se divertir com um *spanGLISH* inautêntico, que consistia em dizer palavras que lhes parecia *cool*; sabíamos também que muitos deles haviam viajado até ali para encontrar algo do ouro que a fronteira prometia.

Não era nosso caso, havíamos crescido ali e conhecíamos o racismo em primeira mão, o de ser cidadãos de segunda classe. Sabíamos que 10 pesos equivaliam a um dólar e que 10 mexicanos juntos não valiam o mesmo que um *american citizen*. Recordávamos perfeitamente as caçadas de mexicanos de princípios dos anos 90, e aqueles momentos em que famílias inteiras, do avô ao recém-nascido, diziam adeus ao México que governantes corruptos saqueavam de forma sistematizada e profissional, e que esta pobre gente tinha que abandonar em busca de uma vida melhor (pagando o pato e, além disso, ficando marcados quase como traidores por não continuar sofrendo como os espanhóis católicos nos haviam ensinado a fazer durante a Colônia). Famílias inteiras corriam 24 horas por dia na *freeway 5* até o norte, fugindo dessa triste

realidade mexicana. Foi daí que nasceram essas placas sinalizadoras de mexicanos correndo pelas autopistas. Muitos morreram atropelados, muitas famílias foram separadas para sempre.

Então, o que fizemos foi organizar uma mailing-list onde conspiramos com o pessoal do RTmark, Electronic Disturbance Theatre, Laboratorios Cinematik e os Taco Shop Poets para preparar nosso primeiro projeto.

Aquela tarde de dezembro de 1999 não foi nada em comparação com as ações que nos inspiraram. Conseguimos eletricidade de onde pudemos e apresentamos um concerto do net.artista moscovita Alexei Shulgin.

Alexei e o teclado de seu computador estavam praticamente sós em San Ysidro. O cabo do teclado cruzava o muro até Tijuana, onde tínhamos o concerto em si. Até que Alexei teve de fugir por causa da pressão dos agentes da *Border Patrol*. Felizmente, o concerto podia continuar sem ele, pois seu velho 386/dx tinha ficado lá, um aparelho que ele havia programado para que interpretasse canções míticas desse rock que falava sobre liberdade e idéias utópicas, o rock com que sua geração sonhava na antiga União Soviética.

Do lado mexicano, Natalie Bookchin, Cybercholino e eu nos encarregávamos de fazer com que o computador, o vídeo e o som funcionassem, que não se interrompesse a voz e a música que Alexei havia programado nesse melancólico computador com um disco rígido de 40 megabites e que tocava canções como Imagine e Anarchy in the UK, com toda a frieza e desencanto com que programas tão rudimentares como Notepad e Midi podem se expressar. O público mexicano estava desconcertado. Pouco a pouco começamos a entender como brincar de hackear a fronteira.

Foi nosso primeiro passo.

Meses depois, em agosto de 2000, conseguimos fazer o primeiro Borderhack.

Na mural ha

Montamos nossa equipe e fizemos um acampamento onde havia alguns computadores. Conseguimos nossas linhas telefônicas em pleno campo de batalha com ajuda de amigos hackers experts em engenharia social, e deixamos que durante três dias as pessoas utilizassem estas linhas para se comunicar com seus parentes em povoados e cidades longínquas (oferecíamos serviço gratuito de longa distância sem limite de tempo através de vários telefones ao mesmo tempo).

Organizamos jogos de polícia e ladrão com a *Border Patrol*, nos quais cruzávamos a linha e regressávamos, repetidas vezes (adivinhem quem eram os policiais e quem eram os vilões?).

Alguns ativistas organizaram um Border Radio para ser escutado pelos que iam de carro para os Estados Unidos, a quem distribuíamos panfletos informativos sobre a frequência radiofônica.

Inspirados naquele ataque cibernético que o Electronic Disturbance Theatre organizou simultaneamente contra a Bolsa de Valores de Frankfurt, o presidente Zedillo, o Pentágono e a Casa Branca, deixamos que os navegadores de milhares de computadores do mundo fizessem das suas contra um servidor da *Border Patrol*. A ação se apoiou no FloodNet, um software especial que imita as multidões se manifestando fisicamente, mas com uma metáfora digital. Ricardo Domingues, o temido cyber-zapatista, estava lá com sua eterna *coolness*.

Instalamos o acampamento durante três anos. Na última vez, em 2002, recebemos um e-mail do

secretário do Departamento de Arte e Tecnologia (DAT) dos Estados Unidos. Propunha nos abrir a fronteira no lugar onde se faz o acampamento. Como um ato simbólico, deixar que as pessoas circulassem livremente durante três dias. Um belo pranksterismo, perfeito para os meios de comunicação. Acontece que o DAT é um grupo de artistas pranksters, que se dedicam a fazer comunicados de imprensa e ações diplomáticas como esta.

Durante os três anos que durou o Borderhack, houve muitíssimas produções resultantes: gravações de áudios, obras de arte, um especial de ensaios na Wired News, uma exposição de arte e textos online, que, mesmo dois anos depois, continua percorrendo o circuito dos museus e festivais que trabalham o tema da arte-mídia. Outro dos resultados foi um videogame sobre a experiência do mexicano que tem de passar por obstáculos para chegar a um campo de tomates onde tornará realidade o que sempre sonhou (o videogame foi criado por Blas Valdez e eu).

Houve muitas experiências, algumas tão simples e fortes como quando tentavam molhar nossos computadores e aparatos com seu sistema para regar jardins (não tinha nos ocorrido que uma simples mangueira podia acabar com nossa zona autônoma temporária: éramos tão frágeis), ou nos assustando com seus helicópteros que voavam muito próximos do chão, ou quando agentes da *Border Patrol* tentavam nos questionar através do cerco, chamando-nos por nossos nomes.

Mas o mais importante era que este evento era um espaço para que os ativistas de diferentes ideologias e cidades que trabalham com a fronteira se reunissem para dialogar, dar oficinas sobre suas diferentes áreas de especialização, e ao mesmo tempo chamar a atenção da mídia.

É impossível negar a força que tem o fato de se reunir justamente no muro e ver como este submerge no oceano pacífico. A situação dificilmente contribui para que se diga coisas completamente absurdas, ou os típicos discursos demagógicos, por que a paisagem por si mesma põe tudo em seu lugar. O projeto consistia em uma plataforma para reunir iniciativas, grupos, células, pessoas e abordar o tema da fronteira de todos os ângulos possíveis. Havia conferências sobre o aspecto ecológico das maquiladoras na faixa fronteira, as mulheres, os emigrantes, os direitos humanos, apresentações artísticas, filmes e música durante a noite.

O Borderhack pode continuar.

Notas do tradutor:

1. Artigo originalmente publicado no jornal La Jornada (www.jornada.unam.mx) em 12 de outubro de 2003.

2. Mesoamérica é a região que compreende do centro-sul mexicano até o Canal do Panamá.

3. Lei de anistia que permitiu a cerca de 2,3 milhões de imigrantes latinos ilegais, em sua maioria mexicanos, obterem documentos para legalização nos EUA, em 1986.

4. Também conhecidas como sweatshops, as maquiladoras são fábricas com processo industrial ou de serviço destinado à transformação, elaboração ou reparação de mercadorias de procedência estrangeira importadas temporariamente para sua exportação posterior, daí a denominação "maquiladora", por fazerem uma "maquiagem" (maquilar é o verbo em espanhol) no produto. As maquiladoras, em geral, exploram desumanamente seus empregados, exigindo-lhes um trabalho excessivo e lhes pagando um salário pífio.

5. Acordo de Livre Comércio da América do Norte.

6. Pertencente ao Partido Acción Nacional (PAN).

7. Unidade policial de elite mexicana.

8. Cartel do narcotráfico muito influente em Tijuana.

9. Em espanhol, sigla da Secretaría de Educación Pública.

10. Barra de caramelo e amendoim muito consumida nos EUA.

11. www.nettime.org

12. Acampamentos sem fronteiras

Tradução de Ricardo Rosas

Nome: Coletivos, Senha: Colaboração

Ricardo Rosas

A recente onda dos coletivos artísticos e ativistas (ou "artistas") no Brasil tem chamado a atenção da mídia *mainstream* para um fenômeno de proporções bem maiores e razões mais profundas que a vã filosofia dos cadernos culturais poderia imaginar. Pouco compreendida, a dinâmica destas articulações chega assim maquiada com um verniz espetaculoso e superficial que, ao que parece, tenta esconder o pano de fundo crítico e instrumental desses grupos. Muitas vezes passageiros como um casual flashmob, outras vezes organizados e duradouros como uma associação, tais ajuntamentos são na verdade indícios de uma mutação maior que está se dando tanto na esfera tecnológica quanto na social.

Coletivos, em si, nada têm de novo. Já são uma tradição na arte e na literatura, que percorreu todo o século vinte, aqui como lá fora. Segundo o historiador de coletivos artísticos Alan Moore (1), seu ponto de partida foi logo após a Revolução Francesa, com os estudantes de Jacques-Louis David, os barbados, ou "Barbu", que formaram uma comunidade criativa que viria a ser chamada de Boêmia, espécie de nação imaginária espiritual de artistas -cujo nome provinha de uma nação de verdade e geraria a idealização do estilo de vida "boêmio"-, compondo um contraponto à academia oficial. Desde então, o fenômeno tem ocasionalmente se repetido ao longo da história da arte, como o Arts and Crafts na Inglaterra vitoriana, dadaístas, situacionistas, Fluxus, numa lista quase infinita de grupos dos mais diversos tipos. No Brasil, eles remontam ao século dezanove, com o grupo dos românticos em São Paulo, os grupelhos de poetas simbolistas, os modernistas da década de 1920, o grupo antropofágico, os concretistas nos anos 1950, o coletivo Rex de artistas na década seguinte, 3Nós3 e Manga Rosa na década de 1970, Tupi Não Dá, ou os mais recentes Neo-Tao e Mico, entre inúmeros outros.

O que diferencia a atual voga de movimentações coletivas no Brasil são o caráter político de boa parte delas, assim como o uso que a maioria faz da internet, seja via listas de discussão, websites, fotologs e blogs ou simplesmente comunicação e ações planejadas por e-mail.

Na Europa e nos EUA, a fusão de arte e política já estava presente nos dadaístas e surrealistas, e representou o ponto fundamental dos situacionistas no pós-guerra, e desde então essa mescla tem se dado em vários grupos que atuam na fronteira ativismo/arte, como o Arte & Linguagem, Art Workers Coalition, Black Mask, neoistas, Gran Fury, Group Material, PAD/D, Guerrilla Girls, ou os mais recentes Luther Blissett Project, RTmark, Etoy, Critical Art Ensemble, boa parte destes últimos atuando diretamente com alta tecnologia, no que se tem atualmente denominado de mídia tática.

Se essa junção sempre esteve presente lá fora, o atual beco sem saída do neoliberalismo parece haver despertado a consciência de vários grupos no Brasil, que passaram a criar

fora das instituições estabelecidas com performances, intervenções urbanas, festas, tortadas, filmagens in loco de protestos e manifestações, ocupações, trabalhos com movimentos sociais, culture jamming e ativismo de mídia. À diferença dos coletivos high tech europeus e americanos, os coletivos brasileiros atuam nos interstícios das práticas tradicionais da cultura instituída, em ações até agora de um viés mais low tech.

Mesmo assim, a maioria deles surgem ou agem graças à internet. Alguns, como o Expressão Sarcástica, Vitoriamario, Poro, TEMP, BaseV, ou Cocadaboa, possuem seus próprios sites. Outros, como o CORO, um grupo que pretende mapear todos os coletivos em ação no Brasil, ou a Universidade do Fora, entre outros, funcionam com lista de discussão. Blogs também hospedam grupos com identidade virtual à Luther Blissett, como o Ari Almeida ou Timóteo Pinto, enquanto os fotologs tem servido como meio de divulgação de coletivos como o Radioatividade, ou grupos do stencil e do sticker (adesivo) como Faca, Coletivo Rua, SHN, entre dezenas de outros.

Se a tecnologia não é fundamento básico destes grupos para ações tipo hacktivism, net arte ou similares, é por meio dela, contudo, que se dá a dinâmica de ação e propagação das atividades destes grupos na vida real. Pois uma palavra-chave de todos estes coletivos é a colaboração. Espécie de *buzzword* atualmente, a colaboração, bem como termos irmãos como livre cooperação, comunidade, interação e rede são senhas para uma transformação que está se dando em escala global.

Foi a colaboração que permitiu o surgimento de movimentos massivos como os protestos “anti-globalização”, bem como a organização de festas-protesto como as do Reclaim the Streets, ou ainda a publicação aberta da rede Indymedia. A divisão de tarefas, o compartilhamento de valores e a liderança coletiva caracterizam em grande parte essas organizações cuja tradução mais exata é a filosofia do open source.

Inicialmente restrita ao círculo de programadores e geeks, a idéia da criação coletiva e distribuída que caracteriza as comunidades Linux e software livre tem virado fonte de inspiração para grupos os mais diversos que estão se voltando para este modo de trabalho como um modelo viável e menos restritivo, não-hierárquico.

Tive recentemente a oportunidade de participar de uma conferência sobre o tema na universidade de Buffalo, NY. Chamada “Redes, arte e colaboração” (*Networks, art and collaboration*), e organizada pelo artista e professor de novas mídias Trebor Scholz e por Geert Lovink, net crítico e teórico de mídia tática, a conferência teve o mérito de reunir diversos ativistas, teóricos e artistas que trabalham colaborativamente, e pautou por abordar diversas facetas da questão, como o conflito com os interesses financeiros das grandes instituições do capitalismo, os conflitos internos dentro da dinâmica coletiva, ou as diversas iniciativas em áreas que vão das artes à educação, da criação em rede à distribuição livre de conhecimento.

O tema é quente o bastante para gerar semanas de debates acalorados, mas aqui se limitou a um final de semana onde se sucederam mesas abertas, performances e apresentações de projetos. Teóricos e historiadores de arte ativista em coletivos como Gregory Sholette, Alan Moore e Brian Holmes, grupos como Critical Art Ensemble e Guerrilla Girls, net críticos como McKenzie Wark, ou o teórico maior da colaboração online, o alemão Christoph Spehr, estiveram presentes. Spehr, autor do cultuado livro *Die Aliens sind unter uns!* (“Os alienígenas estão entre nós!”), tem servido como o melhor tradutor da mecânica funcional do código aberto (open source) para o campo da política, da organização social, e da economia.

Entre alguns pontos fundamentais, Spehr defende a noção de que as relações devem se basear na liberdade e igualdade de uns para com os outros e com a cooperação; que regras devem ser estabelecidas, negociadas (e cumpridas) para que a cooperação funcione; que conflitos que surjam ao longo dessas negociações podem construir o respeito mútuo, a independência na cooperação e nos tornar mais fortes; e que organização,

lealdade para com as pessoas, não com as instituições, e auto-confiança, são elementos essenciais.

Em seu livro, num estilo que remixa ensaio e ficção científica, grupos colaborativos independentes e autônomos seriam os grandes monstros que ameaçam o atual estágio do neoliberalismo corporativo. Espécie de alienígenas no meio da lógica capitalista da competitividade e das redes de “cooperação forçada”, os coletivos colaborativos autônomos atuam numa esfera que transcende a mercantilização e podem efetuar uma troca auto-sustentável que, se aplicada em larga escala - o que para muitos é pura utopia - , correria o risco de transformar totalmente a paisagem social, econômica e política do planeta. Comunismo open source? Talvez, pelo menos é o que Spehr acredita, com um otimismo desafiante, o mesmo que o faz organizar a conferência anual “Out of This World” em Bremen, onde junta programadores, ativistas, escritores de ficção científica, filósofos e teóricos para debater a aplicação do código aberto à transformação social visando o futuro.

Por outro lado, o capitalismo há muito já aprendeu a trabalhar em rede. O fenômeno dos coletivos de livre cooperação na esfera artístico-ativista encontra seu paralelo nos grupos criativos de trabalho descentralizado e flexível produzindo para o mercado. Como diz o teórico Brian Holmes num ensaio sobre a questão (2), esse tipo de organização característica da produção imaterial no atual estágio capitalista do pós-fordismo, seria o da “personalidade flexível”, adaptativa e versátil em sua atuação profissional, a qual, obviamente não excluiria sob hipótese alguma a competição ou o controle pela vigilância, ainda que à distância. Para combatê-la, só um ativismo “flexível” que, mesmo por sua característica cooperativa e autônoma, se adaptasse à configuração de um mundo cada vez mais baseado em redes, distribuído em setores terceirizados, “aparentemente” independentes. Em se tratando da internet, o crescente uso das redes de compartilhamento peer-to-peer, weblogs, software livre, listas de discussão, publicações abertas tipo slashdot, wiki ou Indymedia, as bibliotecas online de livre acesso, foruns e todas as outras formas operacionais das comunidades na rede estariam abrindo o caminho para essa transformação pelo trabalho colaborativo que os ativistas e coletivos de hoje usam como tática de resistência e cuja disseminação compartilhada podem ter consequências ainda imprevisíveis.

Como diz Geert Lovink em seu último livro, *My First Recession*, a cultura da internet “é um meio global no qual redes sociais são moldadas por uma mistura de regras implícitas, redes informais, conhecimento, convenções e rituais coletivos” (3). Procurar entender o atual fenômeno dos coletivos ignorando essa dinâmica de código e cultura, ou seja, modus operandi, instrumentos, ativismos e lutas democráticas face a uma crescente repressão na guerra global do capital, equivaleria a esquecer por completo a senha na hora de logar. Esqueceu sua senha?

1. Moore, Alan. “General Introduction to Collectivity in Modern Art”, em <http://www.journalofaestheticsandprotest.org/1/amoore/index.htm>
2. Holmes, Brian “The Flexible Personality”, em http://www.noemalab.com/sections/ideas/ideas_articles/holmes_personality.html
3. Lovink, Geert. *My First recession*, Nai Publishers, pp. 23-24.

Links:

Networks, Art and Collaboration
<http://www.freecooperation.org>
Conferência Out of This World
<http://www.outofthisworld.de>
Expressão Sarcástica - <http://www.sarcastico.com.br>
Vitoriamario - <http://www.schelorbates.cjb.net>
Poro - <http://poro.redezero.org>
Temp - <http://enemy.widerstand.org>
BaseV - <http://basev.has.it>
Cocadaboa - <http://www.cocadaboa.com>

FACA - <http://www.fotolog.net/faca>
Grupo CORO
<http://br.groups.yahoo.com/group/coro-coro/>
Universidade do Fora
<http://br.groups.yahoo.com/group/universidadeperiferica>
Ari Almeida - <http://www.delinquente.blogger.com.br>
Timóteo Pinto - <http://www.timoteop.weblogger.com.br>
Coletivo Rua - <http://www.coletivorua.blogger.com.br>
SHN - <http://www.fotolog.net/shn>

Táticas para uma era pós-midiática

Silvio Miel

“Como falar de potência da vida, quando a liberdade e a felicidade dos homens se jogam no mesmo terreno (a vida nua e crua) que marca a submissão dos mesmos ao poder?” (1), pergunta o filósofo Giorgio Agamben. Ou, dito em outras palavras, como se falar em potência da vida quando tudo está, literalmente, dominado?

Considerando-se que os modos de existência e as possibilidades de vida não cessam de se recriar, talvez seja o caso de olhar para um amplo processo de utilização subversiva dos meios de comunicação, que com suas novas narrativas desregulam as forças do poder e nos ajudam a retomar a dimensão do nosso corpo, da nossa mente e do nosso espírito, completamente colonizados pela lógica corporativa.

Estas novas práticas estão situadas num “quadripé”, que envolve os eixos da arte, da comunicação, da tecnologia e da política. As fronteiras entre estes domínios não são nítidas. Da esfera da arte essa tática retira a capacidade de resistir à sociedade imperial de controle, inspirada nas vanguardas do início do século passado (como o dadaísmo e o surrealismo), potencializadas pelo diálogo com as novas linguagens e com as tecnologias digitais. Aqui estão envolvidos coletivos que aboliram a noção da autoria e passaram a praticar uma espécie de “ativismo radical”, para usar uma expressão cunhada pelo artista brasileiro Bené Fonteles. Neste contexto estão inseridas também as práticas conhecidas como *culture jamming*, ou interferências culturais, que provocam ruídos em outdoors, subvertem mensagens publicitárias, utilizam recursos da anti-publicidade para boicotar e denunciar grandes corporações, além de criarem campanhas pontuais contra o consumo e contra a televisão.

Em relação à comunicação, estas formas originais de subjetividade investem num processo de aproximação com o outro, principalmente em relação aos movimentos sociais. Novas redes de comunicação afetiva são tecidas, auxiliadas pelo caráter não hierárquico e descentralizador da internet. O melhor exemplo são os Centros de Mídia Independentes, os Indymedia, verdadeiras Zonas Autônomas Temporárias (TAZ), áreas ou dimensões sociais liberadas temporariamente do capitalismo globalitário. O conceito de TAZ, criado por Hakim Bey, teve uma influência fundamental nas experiências telemáticas alternativas, caso dos Centros de Mídia Independente, que estão forjando um novo tipo de jornalismo, mais subjetivo, menos técnico, aberto a todas as narrativas sociais.

Do eixo tecnológico emerge uma relação homem/técnica que aposta na ampliação da percepção da realidade e na tentativa da cultura incorporar a tecnologia como mais um nível de realidade. Parte daí o reconhecimento de que é da relação entre o natural e o artificial, entre o humano e o maquínico que pode despontar algo novo. Neste eixo destacam-se as campanhas pelo software livre, as discussões sobre os limites da propriedade intelectual, a luta pelo uso adequado das tecnologias que podem causar impacto ambiental, dentre outras experiências.

Finalmente, da esfera política surgem novas formas de cidadania e de vida em sociedade, que já trabalham com a crise do modelo institucional herdado das sociedades disciplinares. Muitas das mais inovadoras experiências políticas estão inspiradas na cultura anarquista, que enfatizou as múltiplas realidades de opressão para além da esfera econômica, sempre se

preocupou mais com os movimentos sociais do que com as instituições e investiu prioritariamente nos modelos de auto-gestão. As experiências libertárias são retomadas porque a democracia, vaca sagrada do mundo moderno, está em crise. E a crise é profunda. Dentro desta modalidade estão situados todos os movimentos sociais contemporâneos, desde o Zapatismo até o MST, assim como as táticas anticorporativas que monitoram os avanços das megacorporações no espaço mental e físico, reafirmando a máxima do NO LOGO.

Citaria dois momentos recentes que podem ser tomados como marcos históricos da emergência e concretização destas novas formas de subjetividade. O primeiro deles refere-se ao levante zapatista (1º de janeiro de 1994), que foi a primeira reação à “Nova Ordem Mundial”. O Exército Zapatista de Libertação Nacional é um marco da resistência à colonização da rede e, apesar das dificuldades cada vez maiores, apostou desde o início numa inversão do fluxo informacional. O outro momento pode ser considerado a primeira insurreição midiática do século, e ocorreu entre os dias 30 de novembro e 4 de dezembro de 1999, durante a reunião da Organização Mundial de Comércio em Seattle. O “Império” modificado por dentro. Um marco da resistência à hegemonia da colonização da internet pelos mesmos valores do sistema capitalista. A articulação de uma rede inteligente de mídia independente e a criação de uma “barreira móvel” de resistência online e offline.

Se utilizarmos o conceito de “estratégia” sugerido pelo anticonformista Michel de Certeau, em “A invenção do cotidiano”, veremos que quando o capitalismo revelou a sua face excludente, definiu um lugar do poder e do querer próprios. Circunscreveu em lugares bem definidos aqueles que deveriam sobreviver e usufruir dos avanços tecnológicos e científicos. “O próprio é uma vitória do lugar sobre o tempo; é também um domínio dos lugares pela vista. A estratégia é um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio. (...) aí neste lugar que o poder vai se produzir e re-produzir”, diz Certeau. O impacto da exclusão foi rápido e certo. Varreu a lentidão, a reflexão e as nuances. Aos “lentos” só restou um caminho: desterrar-se. Sair do campo para as cidades; abandonar suas casas para procurar emprego em algum cantoneiro de obras ou deixar o país invadido para imigrar clandestinamente. Índios, sem-terra, sem-teto, invadidos, desempregados, desterrados, desgraçados, aviltados, já que não tinham por lugar senão o do outro, passaram a jogar no terreno que lhes era imposto. Se nada podiam contra a estratégia avassaladora do capital, começaram a articular uma tática, aquela que Certeau denomina “a arte do fraco”. Começaram a se movimentar dentro do campo de visão do inimigo e no espaço por ele controlado.

O que se viu em Seattle, e que depois seria desdobrado em Gênova durante a reunião do G-8, em 2001, e mais recentemente nas manifestações contra a invasão no Iraque e nas gigantescas passeatas na Espanha, foi a retomada do próprio corpo individual e social, um não existindo sem o outro. Os espaços públicos atuais, onde as manifestações ocorreram, foram reapropriados, assim como os espaços virtuais, para onde os debates seguiam via internet. Por isso a reação do poder foi tão violenta, particularmente durante as manifestações contra o encontro do G8 em Gênova, há dois anos. Além do assassinato covarde do jovem Carlo Giuliani, o prédio do coletivo Indymedia, onde trabalhavam dezenas de voluntários do mundo inteiro, foi invadido pela guarda fascista comandada pelo premiê Berlusconi. Muitos midiativistas foram presos e outros ficaram seriamente feridos.

Falar em Berlusconi é lembrar do monopólio midiático que se apossou do nosso imaginário e, mais especificamente, que ocupou o espectro político italiano. Franco Berardi, o Bifo, precursor da luta pelas rádios livres, conta que, no início dos anos 80, teve um encontro com o psicanalista e filósofo francês Felix Guattari. Na época, Berardi revelou a Guattari o medo que sentia da ascensão de Berlusconi, um advogado milanês que começava a colecionar canais de televisão. Guattari respondeu que não era o caso de temer o domínio da televisão sobre os fluxos da comunicação social. De fato, segundo ele, os progressos da informática tornariam possível uma larga difusão de combinações rizomáticas. Estas combinações, assim como seus modelos, iriam infectar o sistema televisivo centralizado, para depois perturbar e desestruturar todas as formas hierárquicas estatais e econômicas. Guattari anteviu a emergência da internet.

Segundo Berardi, o ponto mais importante da profecia pos-midiática de Félix Guattari está aqui: “Félix nos compele a perguntar o que quer dizer midiatização, e em que medida a midiatização envolve, incomoda, reprime, apaga a nossa singularidade corpórea. Nós estamos presos no emaranhado midiático porque isto torna possível uma expansão da nossa experiência. Mas este emaranhado corre o risco de continuamente paralisar, imbecilizar, destruir a nossa singular sensibilidade. A luta fundamental do tempo que corre é aquela que consiste em ritualizar continuamente a singular sensibilidade do nosso existir... esta é a batalha pós-midiática” (2).

Notas:

(1) AGAMBEN, Giorgio. “A imanência absoluta”. In: Gilles Deleuze: uma vida filosófica. Eric Alliez (org). Rio de Janeiro, Editora 34, 2000.

(2) BERARDI, Franco. Postmedia. “Dedicato a Felix Guattari”. In: Media Activism; strategie e pratiche della comunicazione indipendente.

Matteo Paquinelli (org). Roma, Derive Approdi, 2002

Um sentido global de lugar

David Garcia

Reportagem de Etereia 2 • Encontro Italiano de TVs de Rua

25 a 28 de Março, 2004 o segundo maior encontro de TVs de Rua aconteceu em Senegália. Aqui estão algumas anotações de uma pequena visita ao mundo das TVs de Rua.

Hi stóri co

TVs de Rua, a última onda da rica história do ativismo italiano, tem sido amplamente reportada por essa lista [1] e em outros lugares mas algumas considerações básicas são importantes brevemente rever.

TVs de Rua são micro-transmissores semi-legais, literalmente fazedores de TV que usam pequenos transmissores para mandarem programas que não atingem mais do que alguns quarteirões. Tvs de Rua vão desde fazer seus próprios conteúdos locais a capturar a programação (assim como jogos de futebol) das operadoras de satélite comercial e retransmiti-las de graça nas redes de TVs de Rua.

TVs de Rua operam entre as fendas legais e tecnológicas do cenário midiático italiano, ocupando as sombras ou os vazios que os transmissores terrestres não alcançam, assim deixando um rastro no espectro transmissor, que é ocupado pelos grupos de TVs de Rua.

TVs de Rua reclamam o poder ‘socializador’ da televisão. Como um meio, o vídeo retém um acesso imediato que nem ao menos pressupõe uma alfabetização convencional. As recompensas imediatas e expressivas de se fazer TV fez com que as TVs de Rua pudessem atingir uma constituição bem maior do que somente ‘o movimento’ ou hacktivistas. No entanto, apesar de um aparente retorno às táticas primeiras de transmissão de mídia pirata, TVs de Rua são um híbrido mais complexo e interessante. Como declararam em seu manifesto “A televisão deve ser considerada uma nova prótese e uma extensão da net: mas para evitar um novo ‘gueto’ de mídia alternativa, a horizontalidade da net deve encontrar o poder ‘socializador’ da televisão.”

A OrfeoTV na Bolonha é conhecida como a iniciadora de tudo, quando começou a transmitir em 2002, a apenas alguns quarteirões do lugar da lendária Rádio Alice, e vem desde então sendo conhecida como seu ‘filho bastardo’. O que começou em Bolonha com uns poucos transmissores logo “se uniu a uma série de batalhas por entre uma rede de websites; e agora estão conectados através do termo ‘televisão tática’ a outros microtransmissores italianos como ‘no-war TV’, ‘urban TV’, e ‘global TV’.” Fato que Mark Coté descreve como “uma rede emergente de infrapoder”.

O fenômeno TVs de Rua é outra faceta do legado do movimento autônomo italiano dos anos 60 e 70, uma política que trouxe para si a raiva tanto da direita quanto do partido comunista italiano, ao privilegiar o desejo e expressão acima das forças de mercado ou disciplina partidária. Reformatou idéias anarquistas para uma era pós-industrial, introduzindo noções de ‘trabalho imaterial’, ‘pós-fordismo’, e ‘recusa ao trabalho’. A influência dessas idéias vêm variando porém crescendo estavelmente com a queda do leste europeu e o crescimento da classe virtual. Mas talvez apenas a ‘recusa ao trabalho’ e ‘decomposição de classe’ tenham sobrevivido à cooptação através do ‘capitalismo comunicativo’ e a ‘terceira via’ dos democratas sociais.

O primeiro encontro de TVs de Rua (Etereia 1) foi feito em Bolonha no ano de 2002 em um momento em que haviam somente dois ou três nodos existentes. Mas foi nesse encontro que TVs de Rua (Telestreet) foi concebido e lançado, não somente como uma plataforma mas como uma campanha política. Dois anos depois, o que começou como uma pequena rede de intervenções se tornou um para uma resistência ainda maior. Hoje essa rede inclui mais de cem nodos (o número varia diariamente) e se estende por toda a extensão da Itália.

A Lei Gasparri e a Contra-Reforma

O encontro recente de TVs de Rua (Etereia 2) foi necessário para responder às questões que se tornaram mais urgentes com o crescimento de TVs de Rua. Com crescimento rápido veio a diversidade e questões de como ser ainda possível,

ou não, ter uma estratégia em comum. Isso foi ainda mais significativo pela Lei Gasparri (Gasparri é o ministro da comunicação), que permitiu que Berlusconi consolidasse o seu domínio sobre o cenário midiático italiano. A passagem dessa lei deixa muitos italianos acreditando que eles estão passando por uma emergência política sem paralelo. Quando perguntei ao bem conhecido autonomista e escritor Franco Berardi (Bifo) como a administração de Berlusconi pretendia justificar essas ações, “o que você quer dizer com justificar?” ele respondeu com uma irônica surpresa “Nós estamos em um país de Contra Reforma, não há necessidade de argumentação. Se você ganha, você ganha.”

Dado o fato que este é um momento definidor tanto para as TVs de Rua como para a política italiana, a escolha de realizar o encontro em Senegália, uma pequena cidade litorânea, foi surpreendente. Essa escolha, assim como a agenda da maior parte do encontro, foi resistida por um número de militantes das TVs de Rua. As vozes discontentes argumentavam que o encontro deveria estar buscando um caráter mais *mainstream* e que deveria focar exclusivamente em mobilizar resistência ao regime de Berlusconi. Havia no entanto, uma boa razão para que o encontro fosse feito em Senegália e essa razão era a própria TV de Rua local: Disco Volante.

Disco Volante

Nada no estúdio da Disco Volante sugere uma cultura de mídia radical. Está localizado em uma rua tranquila de Senegália é parte de um projeto local chamado “Zelig” em que deficientes físicos e não-deficientes dividem um estúdio e fazem arte juntos. O projeto é uma iniciativa de longo prazo do artista/ativista Enea, o descontraído anfitrião do encontro. A frente do estúdio estreito não fornece nenhuma pista de que qualquer mídia eletrônica seja ali presente ou mesmo desejada. O estúdio é um emaranhado contínuo de colagens, maquetes, esculturas, pinturas, objetos achados decorados e inúmeros teatros de bonecos. A atmosfera é uma mistura da ingenuidade controlada e o caos de um artista da era Cobra com a oficina de Geppetto em Pinóquio. Uma parede perto da entrada é coberta com inúmeros prêmios e fotografias de cerimônias em que os participantes do Zelig são homenageados, assim como fotos de viagens e aventuras. Isto é arte e ativismo de mídia com profundas raízes locais.

A tecnologia do estúdio de TV no fundo do lugar fica bem ao lado das pinturas e ferramentas de carpintaria que poderiam ser achadas em qualquer estúdio de artista dos últimos 500 anos. Enea, o diretor (esse não é um coletivo) me informa que isso não é terapia de arte, e nem um projeto de “arte na comunidade” e sim simplesmente um espaço que está aberto para aqueles com deficiências físicas que querem se juntar a ele para tramar uma versão da boa vida através do processo de fazer arte juntos em um ambiente agradável. O fato de que isso também acaba por se combinar com uma estação de TV semi-legal que mistura um relaxado expressionismo com uma campanha militante para o direito dos deficientes físicos é tanto um fato quanto apropriadamente accidental. É bem difícil achar palavras que façam justiça à atmosfera energizada e generosa que perpassa o estúdio Zelig.

Surpreendentemente Disco Volante foi a primeira TV de Rua forçosamente fechada pelo ministério da comunicação. O transmissor atual não foi confiscado e sim selado pelos oficiais da justiça, um selo que seria uma ofensa criminal quebrar. Enea leva o selado transmissor com ele, mostrando-o como um emblema da repressão.

De todas as TVs de Rua a serem escolhidas como piloto para um reforçamento desse tipo, porque escolher um canal para pessoas com deficiências físicas? A explicação está no fato que ela não era somente tolerada pelo governo local de Senegália, mais ativamente encorajada. Essa não é uma batalha entre as TVs de Rua e o ministério, mas também entre governos locais e nacionais. Essas são as complexidades regionais da política italiana, complexidades que já vêm de longa data, pense por exemplo do papel decisivo do partido comunista no caso do fechamento e destruição da Rádio Alice em Bolonha.

A posição da Disco Volante como caso piloto, aliada a um apoio do governo local disposto a patrocinar o evento, fez de Senegália uma escolha óbvia. Porém, mais importante do que isso, proporcionou a oportunidade de armar um desafio direto à lei ao transmitir os encontros das TVs de Rua no canal 52, a frequência da qual Disco Volante havia sido expulsa.

TV Etere: Canal 52

As transmissões do encontro começaram quase que imediatamente, mas até o final da primeira tarde havia rumores de que a polícia estava tentando localizar a fonte das transmissões.

Até a noite, os rumores foram confirmados e um encontro emergencial foi feito para decidir como responder à pressão policial. Nos avolumamos em um pequeno cômodo na ‘colônia’, onde a maior parte das pessoas estavam dormindo e o nosso anfitrião Enea, que estava claramente se divertindo, apresentou um advogado radical da localidade que estava presente para um aconselhamento sobre os riscos e nos ajudar a pesar as opções. Enea nos informou que ele mesmo havia pessoalmente visitado a polícia naquela tarde para saber o que eles pretendiam fazer. O policial encarregado das ondas sonoras havia se auto declarado um inimigo da lei mas disse também que era um homem de família e que não estava disposto a perder o seu emprego nos defendendo. Então, o que fazer? Continuar transmitindo e arriscar ter o evento fechado e o equipamento confiscado, ou dar um passo atrás? Alguns militantes de Nápoles chegaram a propor que prosseguíssemos com a ofensiva, transmitindo em uma frequência que empurraria a populista e comercial Rete 4 para fora do ar. Mesmo que a reunião não tenha optado seguir por este caminho, eles ainda decidiram continuar com as transmissões no canal 52 e inclusive aumentar a sua visibilidade tornando os programas tão públicos quanto possível, do lado de fora, no mercado e nas ruas dos arredores, e os transmitindo no mesmo dia. Além disso, um repórter de uma rede nacional Rai 3 estaria cobrindo todas as ações, a serem transmitidas pela televisão nacional.

As transmissões ocorreram sem interrupção. Mais tarde naquele fim-de-semana, no domingo à noite, me surpreendi ao ver que essa ação pequena em Senegália, assim como o encontro de TVs de Rua em si, realmente garantiriam cinco minutos do noticiário nacional. Militantes de mídia italianos talvez estejam corretos ao afirmar que vivem em uma ditadura de mídia mas o seu trabalho tem mais efeito e visibilidade do que no resto da Europa. Em contraste, nós, europeus do norte, vivemos na ditadura da indiferença.

Militantes: Ativistas: Expressivistas

Os argumentos e batalhas que dominam as TVs de Rua podem ser vistos como uma triangulação dinâmica entre três categorias ou modalidades táticas: militância, ativismo e expressivismo. Aqui seguem algumas definições neste sentido:

* Militância: No segundo dia do encontro Franco Berardi (Bifo) falou para a militância quando finalizou o seu discurso “arrepante” declarando que, devido à emergência política atual, a última coisa que deveríamos fazer é “abraçar a nossa miserável marginalidade”. Nessa palestra ele falou para os favoráveis à ação direta, para a política de visibilidade máxima e aos que jogam alto. Para os militantes, a ênfase na micro-mídia não deve ser traduzida pela irrelevância da micro-política.

* Ativismo: Para ativistas, micro-transmissores e micro-políticas, ao invés de serem ineficazes, têm um poder viral e ultimamente podem ser mais significantes do que entrar em sinergia com o espetáculo da política nacional e a grande mídia. Ações de micro-mídia podem se multiplicar sob o radar dos poderosos e apenas serem notadas quando tiverem se tornado fortes o bastante para serem oprimidos. Essa noção de ativismo inclui compromissos a longo prazo altamente localizados, como a Disco Volante (ou da mesma forma Autolabs em São Paulo, ou Sarai em Nova Déli) cujas reverberações vão fundo e produzem novos tipos de localidade conectivas. Essa prática é obviamente menos heróica do que a da militância, pois adere de formas novas com as lutas cotidianas e afirma vida comum.

* Expressionismo: a última essência da modalidade tática, expressivismo, é algumas vezes chamado anemicamente de 'política cultural' e as vezes de arte. De fato pode ser arte, mas é também *mais* do que arte e sua luta específica por lealdade está necessitando urgentemente de recuperação. Expressivismo é uma política não só de poder (ou seja, soberania) mas também de linguagem. O poder da linguagem para fazer e ensaiar mundos, mundos nos quais as formas resistem à pré-determinação. Esse uso se refere à linguagem no sentido mais amplo do termo. Inclui todas as artes experimentais e invenções, inclusive as tecnológicas. Políticas expressivistas estão baseadas no nosso conhecimento de que em um mundo de horizontes mutáveis, nosso senso de sentido depende, criticamente, de nossos poderes de expressão. "E que descobrir um enquadramento de sentidos está intrinsecamente ligado à invenção[2]". Se essa geração de movimentos políticos utópicos podem ou não evitar novas formas de autoritarismo dependerá da defesa vigilante da dimensão expressivista e de suas liberdades subversivas. A história nos mostra que artistas são como canários que costumavam ser carregados por mineiros, e que dão sinais antecipados das toxinas no éter.

O maior perigo para as TVs de Rua é se dissolver por entre as brechas de uma dessas modalidades. Se as TVs de Rua (na verdade toda mídia tática) devem reter seu vigor característico; militância, ativismo e expressivismo devem estar todos presentes ou serão perdidos. Em cada um desses casos particulares de TV de Rua, uma ou duas dessas modalidades vai sempre predominar, mas somente se for possível reter todas as três, em orquestrações variáveis, poderemos ver a formação da real diferença, efetividade e liberdade.

TV de Rua Global

Sejam quais forem as diferenças entre o movimento de TVs de Rua, existe um consenso de que é necessário que ele cresça. Algumas vezes gostariam de vê-lo ganhar sua própria frequência nacional, outros preferem que prevaleça uma autonomia local, com cada TV de Rua estendendo e intensificando seu processo de expansão através de uma rede de colaboração e compartilhamento de conteúdo. Tornar o sonho de efetivamente hibridizar as TVs de Rua através de uma rede e compartilhar conteúdo foi explorado de diferentes formas durante os dias do encontro. Desde uma exposição detalhada e fundamentada de Alan Toner (Autonomeia) [3] sobre as maneiras com o movimento do 'Creative Commons' esta sendo, e poderia ser ainda mais aprofundado se aplicado às TVs de Rua, até as soluções técnicas oferecidas pela New Global Vision [4].

O notável projeto NGVision foi fundado durante o levante de protestos oriundos do encontro do G-8 em Gênova. Foi criado para fazer centenas de horas de material ativista disponível gratuitamente em uma localização única como recurso comum. Eles têm hoje o espaço de cinco servidores, estocados com cerca de 300 vídeos, com uma nova fita sendo adicionada pelo menos uma vez por semana. NGVision usa *bit-torrent* [5] para fazer a sua velocidade de download relativamente alta, uma hora de vídeo podendo ser baixada em aproximadamente quinze minutos. NGVision já é usada extensivamente com aproximadamente 10.000 vídeos sendo baixados por mês. NGVision ofereceu o seu sistema para ser usado por todas as TVs de Rua da Itália e de fora do país.

Mesmo que as raízes locais e o teatro da política italiana ajudem a tornar as TVs de Rua fortes, a atmosfera também pode ser um pouco auto-referencial, olhando só para dentro. Mas há também uma percepção crescente de que para sobreviver as TVs de Rua precisam se estender além das fronteiras conceituais da política nacional. Lentamente, está se apresentando um conhecimento translocal, em parte devido ao trabalho de escritores assim como Agnese Trocchi, Matteo Pasquinelli e Mark Coté cujos trabalhos estão ajudando a fazer com que o vírus das TVs de Rua se expanda. Versões das TVs de Rua já começam a pipocar na Holanda, Suíça (Proxyvision) e mais recentemente como Televisione Piquetera, a primeira TV de Rua da Argentina [6].

Cecilia Landsman e eu estávamos acompanhando o encontro em nome da versão holandesa de TV de Rua: Proxyvision. Em nossa apresentação enfatizamos a dimensão translocal das TVs de Rua. [7].

As TVs de Rua italianas funcionam em parte porque estão mergulhadas em histórias locais mas também por inspirar iniciativas semelhantes em outros lugares do mundo. Nossa posição é de que, uma vez que essas iniciativas comecem a fazer conexões ativas e ter apoio das TVs de Rua italianas mais desenvolvidas, podem levar seus projetos a tomar caminhos que não se moldam pelos shows de fantoche das políticas de partido nacionais. As formas com que esse processo já está sendo concretizado está ajudando uma forma relativamente nova de *táticas metropolitanas localizadas*. A partir dessa perspectiva, mais do que imaginar que as redes tenham feito as fronteiras desaparecerem, vemos o surgimento de novas formas de organização local que (pelo ato mesmo de se conectar por e através de nossas diferenças) nos leva para algo parecido com "um sentido global de lugar".

David Garcia • Proxyvision

Notas

[1] Nettime <http://www.nettime.org>

[2] Sources of the Self. Charles Taylor 1993

[3] < <http://amsterdam.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-0302/msg00116.html> > Mais tarde achei uma passagem de Alan Toner de um ensaio que ele havia escrito sobre a demonstração em Roma contra a guerra do Iraque que poderia ser igualmente aplicada ao contexto das TVs de Rua. "Desafios desse tipo põem em perspectiva os insultos entre as diferentes facções radicais e propõem mais uma vez os problemas de representação. Como práticas de auto-organização, democracia e ação direta podem proliferar?"

[4] <http://www.ngvision.org/index.en.html>

[5] Um tipo de programa que otimiza transmissões de arquivos <http://bitconjur.org/BitTorrent/>

[6]

http://www.metamute.com/look/article.tpl?IdLanguage=1&IdPublication=1&NrIssue=24&NrSection=5&NrArticle=1368&ST_max=0

[7] Apresentação da Proxyvision

<http://www.radioalice.org/nuovatelestreet/modules.php?op=modload&name=News&file=article&sid=59&mode=thread&order=0&thold=0>

Tradução de Tatiana Wells

A necessidade da prática e a significância das idéias

Paulo Lara

Desde que o humano começa a compartimentar sua existência, criando mundos diferentes para as várias esferas de sua vida, notamos o progressivo desenvolvimento de uma *forma* de pensar. Quando sociedades separam o mundo espiritual do real, povoando de mitos a razão de seu ser, e respondem pela realidade de sua vida com um mundo extra mitológico, está criado o campo da racionalidade (ou do esclarecimento). O modelo de sociedade da qual somos conseqüência é, por sua vez, conseqüência da forma racional de pensar.

Muitos séculos, descobertas, invenções, e conceitos depois, vivemos uma lógica da prática cotidiana infestada por esta *forma* de pensar. O iluminismo nos legou um caminho e a modernidade nos colocou trilhos para segui-lo. Idéias fixas das revoluções burguesas, interadas com condutas, éticas, telos, e práticas, dominam hoje não só as ações como as concepções das idéias. As modernas noções de produtividade, eficácia, eficiência, rendimento, contenção, otimização etc, atuam como um grande ser totalitário sobre diversos campos da vida cotidiana. Agem sobre a educação, cultura, trabalho, mundo afetivo e mundo do lazer. As universidades e colégios trabalham como fábricas, o trabalho parece uma penitenciária e a cultura é tratada como um internato. Lamentavelmente até os mundos afetivos e do lazer estão envoltos pela idéia da racionalidade das ações

e dos pensamentos. Amar chega a ser didático. E os jogos eletrônicos nos parques temáticos e centro de compras são a oração da sagrada família moderna. A ponderação, a praticidade, a rapidez e a especialização são idéias já implícitas ao modo de viver.

A racionalidade talvez seja o exemplo mais forte da penetração de uma *forma* de pensar nas atitudes e condutas humanas. As conseqüências destas idéias podem ser práticas trágicas, corporificadas nos campos de concentração, representantes do assassinato em série planejado; nos presídios, manicômios e asilos, retratos dos lugares de pessoal racionalmente recluso, irracional ou improdutivo; no controle da fábrica, da escola ou do lazer; na forma e maneira de se comunicar, burocratizando a informação e padronizando a produção.

Nunca o mundo moderno se viu diante de uma mudança tão grande, quanto a da revolução das comunicações no século XX. E assim como todas aquelas esferas, também foi regida por leis industriais e balizadas por índices de eficiência, audiência, lucratividade e controle. Porém a rapidez no qual as técnicas avançam atropela a concepção sobre elas. A questão é que hoje a velocidade dos fatos é também a velocidade das idéias e, muitas vezes, a execução dos fatos vem embromada com fragmentos de idéias, o que torna ambos mais frágeis. Muitas vezes a execução de determinadas práticas se potencializa quando articula-se com idéias formuladas e nelas encontram-se elementos fundamentais para a centralidade das práticas. Hoje a idéia parece ter um só rumo. A supremacia da racionalidade pulverizada em todos os ramos da prática e do conhecimento impede o real diálogo entre alternativas e práticas que fujam desta lógica.

Porém, como parte da vida social, a racionalidade e seu desenvolvimento tomam rumos dialéticos. A ciência, filha pródiga do pensamento racional, é forçada a ser repensada, e a técnica desenvolve-se para além de seu limite pensado. Estamos diante de quê? O início de um tempo novo, diferente de todos os outros já vividos pela humanidade começa (novamente) a se delinear.

•••

Fora todo o estardalhaço sobre os novos tempos, terceiras revoluções, redes e aldeias, a questão é que é necessário pensar o mundo de uma outra forma. A ciência, a técnica, a política, a cultura, a arquitetura etc. vêm gradativamente mudando em função do avanço de certas pesquisas. Fundamentalmente, depois de Shannon e sua "Teoria matemática da informação" tornou-se mais complicado entender o mundo real com base naquela compartimentação do pensamento e especialização do saber. Mesmo que sua teoria tenha base na mais pura ciência exata e procure responder de forma matemática questões que envolvem linguagens, cultura, semântica e subjetividade, ela precisa ser apreendida e pensada de forma interdisciplinar. A racionalidade e sua vertente burocrática têm que ser alteradas.

Como uma grande máquina de calcular se tornou o centro da produção e difusão de informação? Qual a conseqüência da banalização do seu uso (ou de outra tecnologia) sem base cultural e política? Qual a real alteração de forma que a tecnologia incrusta e como respondemos a isso? Qual é o poder e quem são os homens por trás do domínio da tecnologia?

Uma teoria clássica das ciências sociais (que volta a tona quando pensamos no desenvolvimento tecnológico) é a de que, no capitalismo, as forças produtivas (meios de produção) se desenvolverão a um ponto a alterar as relações de produção capitalistas. Desde que a racionalidade da técnica e da ciência aliaram-se com a busca por lucratividade industrial, no campo da comunicação, iniciou-se um processo de desenvolvimento de meios que produzem informação. Gravadores analógicos (Cassete e VHS), transmissores eletro-eletrônicos, transmissores via ondas de rádio frequência, gravadores digitais e computadores são exemplos mais fáceis de meios de produção de informação que se banalizaram e abriram possibilidades de usos diferenciados, fora dos previstos pelos manuais legais industriais. A revolução de Shannon (e aqueles que vieram depois dele) que quantifica a informação matematicamente e a reduz a combinações de 0 e 1, traz uma nova realidade e modifica o universo de possibilidades não só da comunicação como

da compreensão da sociedade. Fica a pergunta de se e como é possível a partir deste desenvolvimento, alterar as relações de produção existentes.

Entender e trabalhar sobre este fenômeno não é tarefa só da ciência da computação ou da matemática, mas sim de vários campos do saber como o da lingüística, das artes, da arquitetura, da biologia e das Ciências Sociais. Infelizmente (ao menos no Brasil) não tem havido elos entre pesquisas; e o estudo destes fenômenos se reduz às faculdades de comunicação, frágeis detentoras legítimas do saber sobre os meios. Tudo se embaralhou.

Um jornalista pode nunca mais dormir em paz. Os autores e músicos têm insônia faz tempo. As indústrias e seus conselhos legais e administrativos correm atrás do que virá a acontecer. O poder público, coitado, anda na contramão e nem sabe disso. Enquanto isso, muitos de nós atuamos.

As Ciências Sociais têm que partir de um novo centro. Observar as conexões entre sociedade, tecnologia, cultura e o mundo. Enxergar a contradição entre as grandes corporações globais de comunicação e as tecnologias apropriadas por cada vez mais pessoas e movimentos. Acumular mais estudos de campos como a midialogia, informática, artes e arquitetura. Ter para si o processo histórico que se desencadeia e abrir possibilidades de pensamento e atuação no campo da tecnologia de informação. Revigorar as idéias sobre indústria cultural, meios e mensagens, usos da cultura, cultura popular, meios de comunicação etc.

Alterar a relação emissor-receptor, ampliar e dar novas utilizações aos meios produtores, armazenadores e difusores de informação, expandir as linguagens de modo a dar voz às expressões existentes, repensar as noções de organização, alterar os modos de gerenciamento, desenvolvimento local aliado a interação global, desenvolvimento global a partir de demandas locais, fazer do lazer uma forma de viver e fazer do viver uma forma de ser.

Estes e tantos outros objetivos com os quais lidamos não podem vir vazios de significado. Eles potencializam-se quando articulados com idéias fortes (e perigosas). O desenvolvimento de uma teoria interdisciplinar que dê base e rumo para ações interdisciplinares pode ser permanente. Pode dar outro rumo para as práticas e teorias construídas daqui para frente, tendo em vista uma nova concepção de sociedade que se forma. Os agentes desta concepção não são outros senão os que vivem diariamente



os dilemas e discrepâncias de um mundo tão rico e tão pobre, tão desenvolvido e tão rudimentar, tão moderno e tão conservador. Nós lidamos com as aporias. Nascemos com elas e por causa delas não nos conformamos. Nos resta deixar ao mundo não só as práticas, mas as idéias que temos sobre e para esse mundo que nasce junto conosco.

...

Tendo em mente este processo e atento às possibilidades de atuação, vários grupos vêm espaços para colocarem suas experiências e criatividade. O espaço começa-se a abrir. O avanço técnico não se dá apenas na efetivação racional de idéias, mas começa a atingir formas de atuação, colaboração e metodologias alternativas. Não livre de contradições, aumenta o campo de inserção da alfabetização em novas tecnologias. E ao mesmo tempo aumenta a demanda e a oferta por práticas nestas áreas. Por isso pensamos, além das atividades, as bases e estudos para este aprendizado. Não se alfabetiza só juntando letras. Elas têm que significar. E o significado desta alfabetização é a base da idéia por trás da prática.

Trabalhar com multiplicação de conhecimento, atuando desde periferias até universidades, exemplificar e demonstrar a nossa abrangência através de oficinas teóricas e práticas. Alimentar a conexão entre o local e o mundo e experimentar as possibilidades de subversão das regras morais e legais quanto a manipulação da mídia digital. Submídia. De Barão Geraldo, propondo uma reflexão e políticas radicais para pensar o patamar em que estamos. Rádio Muda, ama de leite e parceira, pioneira no resgate do movimento de rádios livres, primeira rádio livre brasileira a veicular conteúdo na rede via *streaming*, 110 programas semanais, mais de 210 programadores. E uma grande idéia por trás. Idéia que a mantém atuante, somada às práticas dos que passam por ela e contribuem. Idéia de que não é mais possível manter a forma e o modelo de comunicação vigente, e que milhões de contemporâneos estão prontos para a tomada da palavra. Entre outras coisas.

Pensar um novo momento e concretizar experiências, de modo a tirar delas o máximo de práticas, é um caminho conjunto. Por isso cabe a nós, através de centros de pesquisa, laboratórios de mídia, atividades festivas, mesas de bar, atuação periférica etc. propor uma nova forma de encarar e utilizar os meios de produção de informação. Os bens já não são só materiais e a natureza humana se modifica junto com seu meio de atuação. Sempre atentos às mudanças e sendo atores delas, rumamos para Pasárgada.

Paulo José Olivier Moreira Lara

é um rapaz cheio de dúvidas, programador da Rádio Muda e membro do Submídia, entre outras coisas.

Plano resumido para autolabs

Gi sel i Vasconcel os

Autolabs é uma estratégia de mobilizar um conjunto de produtores e articuladores, com o objetivo de desenvolver crítica e habilidades técnicas ligadas às tecnologias de mídia e computador. A replicação da informação é definida pelas características individuais de cada grupo ou coletivo, fortalecendo e dando conhecimentos de produção de mídia independente e possibilitando que qualquer pessoa produza, para disseminação pública, formas de como as novas tecnologias podem ser usadas tanto como instrumento de liberação quanto de dominação.

Quem participa e cria essa rede de replicação articula experiências baseadas em seus interesses, que podem ser individuais ou de um grupo, para promover diversidade nas produções e nas vozes que reclamam em busca de seus benefícios. Assim é possível analisar como a mídia e a cultura servem aos interesses de controle social e hegemônico. Esta rede de experiências produzidas a partir do uso do computador e da mídia é auxiliar direto para formação da consciência do cidadão, capaz de criticar a cultura de mídia e obter informações de diversas fontes.

São diversos os conceitos aplicáveis nesta estratégia como: copyleft, software livre, experimentação gráfica, produção independente etc. Tendo um caráter ativista acionando o questionamento e proliferação de vozes. Reforçando terreno para a formação de uma política de mídia democrática que seja usada para servir aos interesses da maioria e não das elites corporativas.

É uma estratégia aberta e replicável em qualquer lugar, como um organismo móvel, em tempo indeterminado, nos mais variados espaços com o intuito de estimular a produção midiática independente no Brasil.

A primeira versão dos autolabs desenvolveu-se num período de 6 meses compondo o eixo de novas mídias no projeto ProCAJU (Projeto CAJU: Agente de Gestão Participativa e Multiplicação em Utilização de Novas Mídias UNESCO-PMSP/SDTS). Este projeto, ligado à política pública da SDTS (Secretaria Municipal do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade), trabalhou com cerca de 300 jovens da Zona Leste de São Paulo durante o período de julho de 2003 até junho de 2004. Nesta versão do eixo novas mídias do ProCAJU, foram montados os seguintes núcleos:

Núcleo de apoio: Informática Livre para Mídia Independente;

Núcleo de mídia eletrônica: Histórias Digitais; Experimentação e Publicação Gráfica.

Núcleo de som: Rádio Livre/Web Rádio; Produção Sonora (MDB - Música Digital Brasileira)

Núcleo técnico: Manutenção para Computadores Reciclados.

Este conjunto de núcleos formaram metodologias e dinâmicas em três laboratórios nos distritos de Ermelino Matarazzo, Itaquera e São Miguel Paulista. Estes espaços de trabalho se caracterizaram como telecentros montados e desenvolvidos a partir da parceria com o Projeto Metareciclagem, que montou os três telecentros doando 45 máquinas que fazem o boot remoto com o servidor, equipando-as de sistemas operacionais GNU/Linux.

São protagonistas desta rede informacional: Pablo Ortellado, Isadora Lins, Marcelo Tavares e Raphael Fernando integrantes da rede CMI-SP; Denise Boschetti do Museu da Pessoa; Tatiana Wells do projeto contravt.net e midiatatica.org; Danilo Oliveira, David Magila, Luis Ravagnani e Ricardo Ruiz (midiatatica.org) integrantes do coletivo BaseV; Rogério Aragão,

Leandro Teófilo, Dj Cinho e DJ Fabrício Gan do grupo Interfusion; Chico Caminati, Cássio Quitério, Paulo Lara, Paulo Rafael Diniz e Thiago Galleta integrantes do Submídia/Rádio Muda; Fernando Henrique, Thiago Viana, Adriana Veloso, Felipe Fonseca, Dalton Martins e Eduardo Mota do projeto Metareciclagem; Miltom dos Santos, Wagner Batista, Clésio Sabino, Giseli Vasconcelos (mediatatica.org) e os jovens do programa Bolsa-Trabalho integrantes do projeto CAJU; Ricardo Rosas do rizoma.net e mediatatica.org.

Mais informações sobre o projeto:

<http://www.mediatatica.org/autolabs> ou <http://autolabs.mediatatica.org>

Infra-estrutura

Marcelo Tavares

Para atender à execução das oficinas era importante um ambiente que tivesse um mínimo de condições humanas de convivência. No entanto, nem sempre isso foi uma realidade, pois o poder público se demonstrou ineficiente nos três locais onde ocorreram as oficinas, onde num sequer foi oferecido água para eles beberem e nem havia um sanitário com boas condições de uso, durante todas as oficinas. Felizmente, os próprios alunos se organizavam na compra de água, enquanto recebiam a bolsa da prefeitura, que com o tempo foi sumindo sem explicações, dificultando a vida dos próprios alunos na participação das oficinas.

Atendidas as condições humanas, para se iniciar as oficinas foi definido um ambiente de trabalho onde os alunos pudessem ter contato com as novas mídias propostas. Este ambiente seria formado por um sala com computadores rodando programas livres (*software*), equipamentos de som, câmera digital, digitalizador de imagens (*scanner*), acesso a Internet, impressora, gravador de MD e gravador de CD no computador usado como servidor. Com exceção dos equipamentos de computação e o acesso a Internet, esses equipamentos não estiveram presentes desde o início das oficinas, e mesmo no final nem todos os três locais estavam com todos os equipamentos, até mesmo quadro branco faltou no início das aulas. A verba acordada para o projeto era suficiente para três conjuntos de todos os equipamentos, no entanto, foi feito um rodízio de apenas um conjunto, por razões desconhecidas, enquanto os outros dois conjuntos ficaram parados. Essa movimentação trouxe inconvenientes às últimas oficinas, como falta de impressora em um determinado dia, falta de cabo para conexão de equipamentos.

Os programas adotados nos Autolabs são de livre distribuição e código aberto. Pelo apelo de liberdade de expressão que existe na idéia de fazer mídia, considerou-se mais apropriado que a estrutura computacional que potencializasse esse ambiente de produção também fosse livre. Atualmente, o software livre está num estado de maturidade que permite ao usuário ver e editar praticamente todo tipo de mídia. É possível até editar vídeo, mas essa experiência não fez parte do projeto. No caso a escolha foi por um ambiente GNU/Linux (ferramentas e sistema operacional), bastante reconhecidos pelas figuras de um antílope e um pingüim. Existe uma solução em GNU/Linux que permite a reutilização de computadores antigos conhecido

como boot remoto. Atualmente, os computadores têm processadores com um poder muito elevado para a utilização de um usuário, este processamento é facilmente consumido em jogos tridimensionais, mas pouco aproveitado num ambiente de trabalho comum, com Internet e aplicativos de escritório. Com software livre é possível que os computadores antigos sejam ligados em rede e sejam utilizados como terminais “burros” e todo o processamento feito por uma única máquina moderna, ou seja, todos terão um ótimo desempenho. No caso dos Autolabs, um servidor estava fazendo o processamento de 15 computadores com mais de 6 anos de idade, máquinas obsoletas que foram reaproveitadas, provendo uma economia de aquisição e montagem valiosa.

Para os equipamentos que seriam comprados posteriormente, foi importante considerar a compatibilidade destes com o sistema operacional. No entanto, foram comprados sem consulta de pessoal especializado. Alguns equipamentos, como impressora, demoraram alguns dias até que funcionassem parcialmente.

Apesar do ineditismo dos Autolabs, alguns problemas de infra-estrutura poderiam ter sido evitados, como a falta de água para os alunos, pois é pressuposto básico à vida, bem como a consulta para compra de equipamentos.

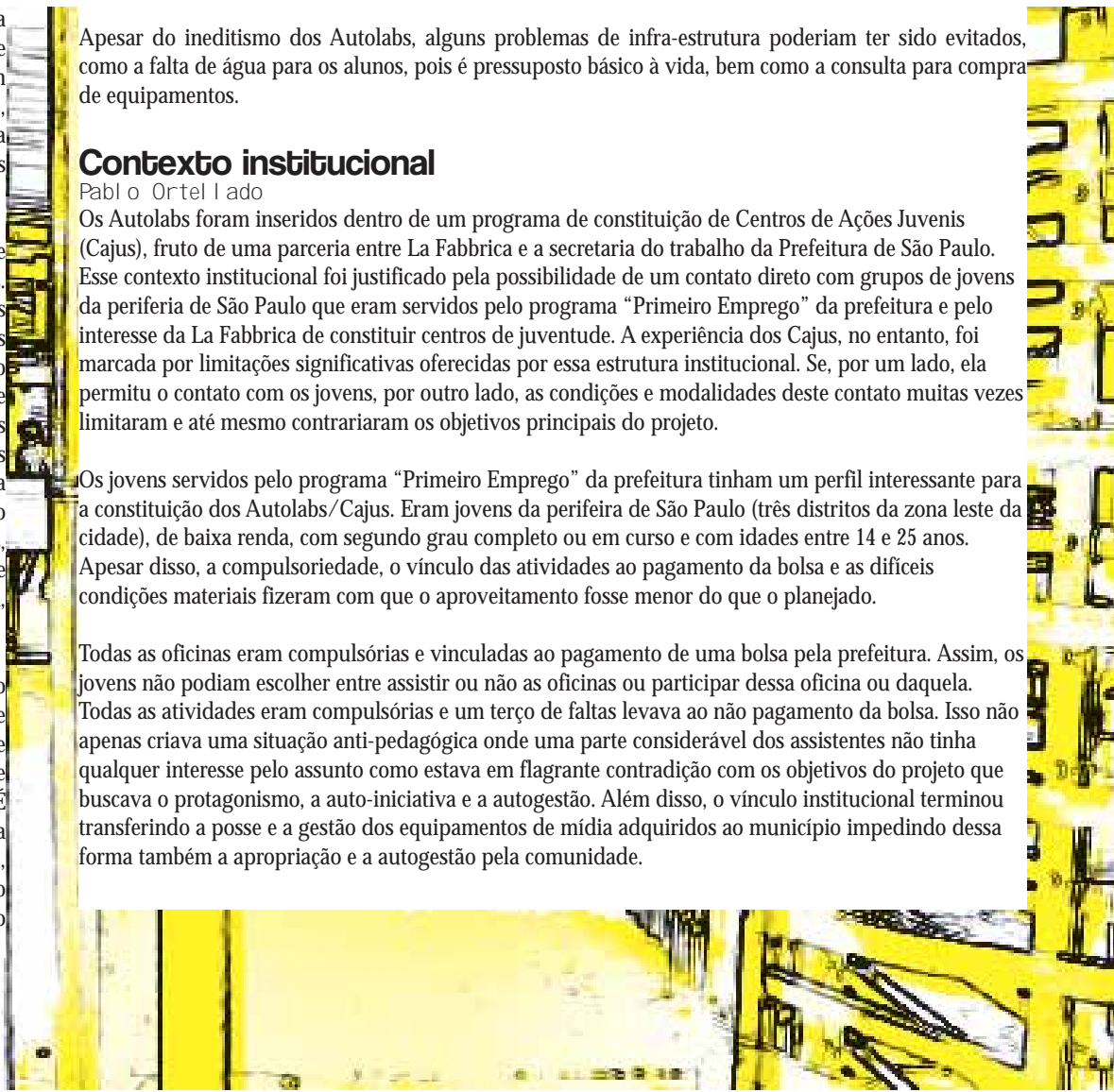
Contexto institucional

Pablo Ortellado

Os Autolabs foram inseridos dentro de um programa de constituição de Centros de Ações Juvenis (Cajus), fruto de uma parceria entre La Fabbrica e a secretaria do trabalho da Prefeitura de São Paulo. Esse contexto institucional foi justificado pela possibilidade de um contato direto com grupos de jovens da periferia de São Paulo que eram servidos pelo programa “Primeiro Emprego” da prefeitura e pelo interesse da La Fabbrica de constituir centros de juventude. A experiência dos Cajus, no entanto, foi marcada por limitações significativas oferecidas por essa estrutura institucional. Se, por um lado, ela permitiu o contato com os jovens, por outro lado, as condições e modalidades deste contato muitas vezes limitaram e até mesmo contrariaram os objetivos principais do projeto.

Os jovens servidos pelo programa “Primeiro Emprego” da prefeitura tinham um perfil interessante para a constituição dos Autolabs/Cajus. Eram jovens da periferia de São Paulo (três distritos da zona leste da cidade), de baixa renda, com segundo grau completo ou em curso e com idades entre 14 e 25 anos. Apesar disso, a compulsoriedade, o vínculo das atividades ao pagamento da bolsa e as difíceis condições materiais fizeram com que o aproveitamento fosse menor do que o planejado.

Todas as oficinas eram compulsórias e vinculadas ao pagamento de uma bolsa pela prefeitura. Assim, os jovens não podiam escolher entre assistir ou não as oficinas ou participar dessa oficina ou daquela. Todas as atividades eram compulsórias e um terço de faltas levava ao não pagamento da bolsa. Isso não apenas criava uma situação anti-pedagógica onde uma parte considerável dos assistentes não tinha qualquer interesse pelo assunto como estava em flagrante contradição com os objetivos do projeto que buscava o protagonismo, a auto-iniciativa e a autogestão. Além disso, o vínculo institucional terminou transferindo a posse e a gestão dos equipamentos de mídia adquiridos ao município impedindo dessa forma também a apropriação e a autogestão pela comunidade.



Realização → ato de tornar efetivo

Tati ana Wel l s

Real > Três laboratórios de mídia táctica na zona leste de São Paulo x padrão Unesco. Total liberdade de experimentação nos labs? Nem tanto. Para ser viabilizado, Autolabs foi inserido c-i-r-u-r-g-i-c-a-m-e-n-t-e dentro de um outro projeto (oco) chamado Centro de Ações Juvenis//*aparecer na colheita para os resultados padronizados, geneticamente modificados, as tabelas! onde estão as tabelas? E onde o processo de aprendizagem sequer é mencionado. Ou melhor, é traduzido por listas de frequência//* Poderia no entanto haver outro modo de viabilizá-lo? Talvez sim e talvez não, pois são essas mesmas brechas que permitem a existência de transdisciplinares projetos, como esse de novas mídias, educação e suas formas de mobilização político-social. Os Autolabs sobreviveram.

Ação > O domínio de uma técnica e seu uso como ferramenta de expressão cultural das periferias foi talvez uma proposta radical demais para grupo tão distinto quanto o do bolsa-trabalho. Muitos meninos e meninas sem muito foco em vida tão cedo-tão dura e com muitas necessidades básicas e mais urgentes em suas cabeças ****girando como bolsas****. Mas uma das coisas que quero dizer com isso é que os que mais se apropriaram das estruturas criadas foram os que já tinham algum tipo de interesse em desenvolvimento: de um currículo à uma idéia. **urgente!** *os menino/as da zona leste de são paulo precisam continuar produzindo mídia, informação, idéias, projetos.* De 300 jovens temos uma rádio livre, uma cooperativa de reciclagem de computadores, o lançamento de um cd de hip hop e um grupo de apoio às grávidas adolescentes (GAGA) (1). Todos surgidos em sala de aula. Do outro lado do corte, a cegueira

*A cada dia um esteriótipo de mulher (falso) é criado pela mídia (homem) para influenciar o comportamento de outras milhares de meninas. As coisas que uma adolescente de 18 anos de Itaquera aprende, são as coisas que ela vê na TV. Observando e imitando. A relação enraizada, histórica, que é a de monopólio de mídia, estado e poder em permanente e inexplicável paralisia – essa que deixa com que a realidade consumo-sensorial de todo dia seja recebida na sala-de-estar da Luana com bocas enormes, pernas malhadas e um discurso submisso. Essa que se desdobra em um carnê de 38 parcelas das lojas Kolumbus. Que bela bunda! Que poder aquisitivo! – só poderá ser questionada por um cidadão comum quando este deixar de se misturar com toda a informação que recebe de si e do mundo: o que querem que ouça, seja e compre (a escola, o outdoor do ônibus, o jornal das 8, a igreja, a TV). ***Mais de 90% dos meios de comunicação do brasil são controlados por menos de 1% da população*** (2) Primeiro descobrir a minha individualidade, segundo respeitá-la, terceiro fazer com que esta possa ser expressada ao meu desejo, livremente, e finalmente que ela se expanda e seja disseminada, aceita. Entra-se em sites para procurar a letra da música da novela das 8 ou saber da artista da novela das 7. Acessa-se Internet para as salas-de-chat, resquício último dos espaços de convívio agora transformados em shopping centers. 'Veja os resultados na Globo.com!' Queremos acompanhar a fantasia das novelas, última possibilidade de ver a vida. Cidade Alerta! Curas 24 horas! Medo e anestesia. A diversidade é vista com estranheza e o questionamento como chatice.*

Ação > Apesar dos PESAres, a realização das oficinas foi um aprendizado imenso para todos que acompanharam todo o processo. Oficineiros e bolsistas. O cotidiano dos laboratórios de mídia táctica funcionou como uma verdadeira zona autônoma. Grupos de mídia baseados em sua maior parte em práticas ativistas, independentes ou colaborativas, puderam com (total?) liberdade testar seus conceitos, o que acredito, gerou metodologias altamente participativas, estabelecidas em sala-de-aula, espontâneas, levando em consideração o dia-a-dia dos menino/as, e seus desejos e necessidades dentro deste. O Centro de Mídia Independente, por exemplo, resolveu a necessidade dos bolsistas ao acesso incluindo 30 minutos de uso livre em suas atividades. A BaseV tornou o lab

um verdadeiro escritório de design, onde o trabalho era naturalmente compartilhado com horários livres para que eles pudessem desenvolver seus estudos particulares ou mesmo entretenimento. Vi *ai ai* muitas fotos pornográficas em suas oficinas! E o que no começo poderia parecer controverso, ao ser encarado como curiosidade e naturalidade por outros bolsistas, tornou-se apenas mais um elemento das relações de liberdade e confiança estabelecidas entre eles. Relações estas que nunca poderiam acontecer dentro de um contexto tradicional de sala-de-aula. Mesmo que o caráter subversivo dessas relações não sejam suficientes(?) para se tornarem uma consciência transformadora, são impressas na memória. Também vale notar que em minha oficina 80% dos meninos e das meninas dos Autolabs desejavam ter um site, *ser visíveis, comunicar suas idéias*. Então a oficina de histórias digitais foi totalmente adaptada para suprir esse demanda, sendo criado 9 sites e quase 20 Gifs animados em duas semanas. Adicionados a um site coletivo que centraliza e potencializa as várias vozes *dispersas*.(3)

A experimentação foi feita em todos os níveis. A estrutura dos labs também não foi perfeita, ocorreram percalços. No Brasil hoje discute-se software livre, e são inúmeros os fóruns, mas onde as práticas de mídia estão sendo feitas em dormitórios de universidades, galpões, telecentros e (ainda) bem iniciantes e experimentais. Os acertos em direção à uma sistematização dessas informações, os erros inclusive, são fundamentais para o próximo passo. *Amadurecer*. E lidar com as limitações foi também singular. Não ter um player para filmes nos Autolabs, significou trabalhar com Gifs animados em GIMP, e se não havia editor de sites, trabalhar com o Mozilla Composer. Sem computadores funcionando? Sair à rua para filmar!

O tempo também foi muitíssimo curto. Vários projetos foram deixados à espera. E então sinto que o trabalho que fizemos foi somente uma sensibilização, uma desmistificação da mídia que circula diária =*máquina estampadora rápida*= assim como seu conteúdo p-l-a-s-t-i-f-i-c-a-d-o. Não esqueçamos que este trabalho é o de inventar novas técnicas para se lidar com velhas formas de exclusão, e violência, não se pode negar a necessidade paralela de uma "reforma agrária cultural" (4). Começando pelas rádios, as regulamentações e então um canal de televisão pública. A cultura de rede pode instrumentalizar as revoluções cotidianas e é razoável, já está se encaminhando para tal. *Mas precisamos de todos. Somos muitos. Você pode realmente despertar do sono.* Mesmo os que saíram de sala de aula, aprendendo somente...

'Não precisamos de padrões de beleza' foi um dos cartazes produzidos durante a oficina de publicação e experimentação gráfica em São Miguel Paulista... e o pior é que esta é uma submissão paradoxal, resultado de uma violência simbólica, invisível, permanente, que não é escutada nem sentida por suas vítimas, uma violência suave que se espalha pela comunicação cotidiana e pelo conhecimento, ou desconhecimento

← algo que se obtém com esforço

1 Mais informações sobre projetos da zona leste de são paulo? Boa sorte em sua procura. Caso se interesse em doar R\$300 (US\$100) mensais para um projeto de @rádio Livre - <http://radioespacolive.cjb.net> - até os garotos se auto-gestionarem, vá em frente! Existem muitos outros!

2 Acho que lembro disso de algum filme do thiago novaes <http://submidia.radiolivres.org>

3 <http://www.contratv.net/saomiguel>

4 Livio Tragtenberg. Da lista do e-grupo yahoo Ciberpesquisa (ciberpesquisa-subscribe@yahoo.com.br)